

Carlos Felipe Moisés

LIÇÃO DE CASA  
& *poemas anteriores*

nankin  
editorial

A educação profunda consiste em desfazer a educação primeira. À semelhança do que Valéry anotara à margem de sua *Introdução ao Método de Leonardo da Vinci*, a lição que se depreende deste novo livro de poemas de Carlos Felipe Moisés guarda o sal do insabido. Espécie de segundo tempo do aprendizado, exercício praticado menos pela obrigação de inventariar ou fixar o que se conhece e mais pelo gosto de novas experiências — à luz abrupta do desejo (que “torna o solerte / tatibitate / e o mais esperto / tarta / mudo”) ou “entre os escombros / da memória calcinada” —, a lição aqui é a da busca incessante, a do recomeço não obliterado pelo vivido e tampouco facilitado pela ingenuidade dos verdes anos. Não importa que tal recomeço seja somente um “estrondo que ninguém ouve, / estilhaço de cristais / entre as dobras do travesseiro”, nem que o caminho tido por novo seja apenas uma curva a mais no labirinto que o Minotauro vigia. É preciso, pois, retomar a lição que, por covardia ou preguiça, julgávamos terminada.

Imbuído desse espírito, Carlos Felipe caligrafa afetos, perverte regras de composição, reinventa a Antigüidade, subjetiva climas, dialoga com outros poetas (Bilac, Oswald, Bandeira, Drummond, Manoel de Barros, José Paulo Paes), entrega-se a trabalhos manuais, faz ginástica..., sempre com a indispensável ironia (repassada de lirismo) que o acompanha desde há muito.

Cabe então ao leitor, discípulo de si mesmo, usufruir dessa lição sem mestre, sem a esperança de outro diploma que a alegria de continuar se espantando na própria casa.



coleção janela do caos  
poesia brasileira



CARLOS FELIPE MOISÉS

Este livro pertence a Soares Feitosa - **Jornal de Poesia**. Emprestado à **Biblioteca Cururu**, para sua leitura e divulgação. Escreva para o autor e o bibliotecário da Cururu: <soaresfeitosa@uol.com.br>. Cuidado com a maldição das estantes! Não venda, nem "guarde" este livro. Circule-o! Mais uma promoção do seu **Jornal de Poesia**. Veja como funciona: [www.jornaldepoesia.jor.br](http://www.jornaldepoesia.jor.br)

LIÇÃO DE CASA

& POEMAS ANTERIORES

A  
Soares Feitosa,  
poeta e amigo,  
o abraço forte do  
Carlos Felipe Moisés

SP 10/12/98

Copyright © 1998 CARLOS FELIPE MOISÉS

Coordenação editorial: Fabio Weintraub

Capa e projeto gráfico: Antonio do Amaral Rocha

Foto da capa: Yuri Bueno

Revisão: do autor

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Moisés, Carlos Felipe, 1942-  
Lição de casa & poemas anteriores / Carlos Felipe  
Moisés. — São Paulo : Nankin Editorial, 1998. —  
(Coleção Janela do Caos: poesia brasileira)

1. Poesia brasileira I. Título. II. Série.

98-4888

CDD-869.915

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Poesia : Século 20 : Literatura brasileira  
869.915
2. Século 20 : Poesia : Literatura brasileira  
869.915

NANKIN EDITORIAL

Rua Tabatinguera, 148, 8º andar, cj. 803

Centro — São Paulo — CEP 01020-000

Tel. (011) 3106-7567 / Fax. (011) 3104-7033

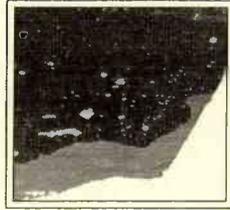
ISBN 85-86372-10-2

1998

Impresso no Brasil

*Printed in Brazil*

CARLOS FELIPE MOISÉS



LIÇÃO DE CASA  
& POEMAS ANTERIORES

nankin  
editorial

Esta LIÇÃO — antes, durante, depois —  
é de Luís Felipe Urban Moisés  
(1980-1998)

## SUMÁRIO

*Toda lição é de casa* ..... 11

**LIÇÃO DE CASA** ..... 13

GRAMÁTICA: Fonética, 15 ♦ Vogais, 15 ♦ Consoantes, 16 ♦ Morfologia, 16 ♦ Ortografia, 16 ♦ Etimologia, 17 ♦ Pontuação, 17 ♦ Sintaxe, 18 ♦ Lexicografia, 18 ♦ Linguagem figurada, 18 ♦ Fonêmica, 19 ♦ Adverbial, 19 ♦ Hifenização, 19 ♦ Conjugação, 20 ♦ Composição, 20. HISTÓRIA & GEOGRAFIA: Pérsia, 22 ♦ Assíria, 24 ♦ Os astecas, 23 ♦ Atlântida, 23 ♦ Ápis, 24 ♦ Céltico, 24 ♦ Cronos, 25 ♦ Orbe, 25 ♦ Fases da lua, 26 ♦ Meio ambiente, 26 ♦ Hidrografia, 27 ♦ Marinha, 27 ♦ Clima, 28. TEMA LIVRE: Fábula zen, 29 ♦ Wuthering heights, 30 ♦ Primeira comunhão, 30 ♦ Manuel/Manoel, 31. OUTRAS MATÉRIAS: Fé, 32 ♦ Summun ens, 32 ♦ A criação, 33 ♦ Aula de francês, 33 ♦ Aula de inglês, 34 ♦ Biologia, 35 ♦ Matemática, 36 ♦ Canto orfeônico, 36 ♦ Lição de José Paulo Paes, 37 ♦ Trabalhos manuais, 38. RECREIO: Catecismo, 39 ♦ Desenho, 39 ♦ Ginástica, 40 ♦ Modelagem, 40 ♦ Ars poetica, 41 ♦ Marca registrada, 42.

**SUBSOLO (1989)** ..... 43

I: Adágio para Jean-Pierre Rampal, 45 ♦ Casa, 47 ♦ Alma cativa, 49 ♦ Blanca luna, 50 ♦ Matinal, 51 ♦ Lembrança, 52 ♦ Realejo, 53 ♦ Périplos, 55 ♦ Ar/aroma, 56 ♦ Gesto, 57 ♦ Sombra, 58. II: Cavalo alado, 60 ♦ Touro negro, 61 ♦ Lobo, 61 ♦ Tarântula, 62 ♦ Ratazana, 63 ♦ Boi morto, 64 ♦ Polvo, 65 ♦ Peixe, 65 ♦

zana, 63 ♦ Boi morto, 64 ♦ Polvo, 65 ♦ Peixe, 65 ♦  
Lagartixa, 66 ♦ Galo, 68 ♦ Boi para Guilhermino, 69 ♦  
Unicórnio, 69 ♦ Fagônio, 70 ♦ Minotauro, 72. III:  
Tirésias, 73 ♦ Jocasta, 74 ♦ Édipo, 75 ♦ D. Dinis, 76 ♦  
Joana d'Arc, 78 ♦ A paixão segundo Camões, 79 ♦  
Garcilaso, 80 ♦ Carpe diem, 80 ♦ Le Douanier, 82 ♦  
Fausto, 84. IV: Inconfidência, 85 ♦ Mário e o  
Minotauro, 80 ♦ Mário de Andrade em San Francisco,  
92 ♦ Mais um dia, 101.

CÍRCULO IMPERFEITO (1978) ..... 110

NATURAL: Carrego as estações, 113 ♦ Folha sobre fo-  
lha, 114 ♦ Esta manhã, 115 ♦ Pálido lago, 115 ♦ Um  
peixe desliza, 116 ♦ O sol quando, 116 ♦ Caminho  
pelos campos, 117 ♦ Árvore, 118 ♦ Natural, 120. SEN-  
TIMENTAL: Tenho tudo, 122 ♦ Dádiva devolvida, 123 ♦  
Vício, 124 ♦ O dia, 126 ♦ Entre sombras, 126 ♦ Não  
sei, 127 ♦ Teu sorriso, 128 ♦ Fome, 151 ♦ Coração  
endurecido (I), 129 ♦ Coração endurecido (II), 130 ♦  
Não eras mais, 131 ♦ Entre-sonho, 131. PESSOAL: Ma-  
drugada, 132 ♦ Enredo, 133 ♦ Pergunta, 133 ♦ Liber-  
dade, 134 ♦ Alfama & al, 135 ♦ Noite clara, 136 ♦  
Canção do exílio, 136.

URNA DIURNA (1974) ..... 139

NOVE POEMAS DE COMBATE: Batalha intraduzível, 141 ♦  
Transforma-se o amador, 143 ♦ História, 144 ♦ Vejo-  
te agora, 145 ♦ Cais transparente, 147 ♦ Viagem, 148  
♦ A noite flutua, 148 ♦ País da bruma, 149 ♦ Incên-  
dio, 150. DEZ POEMAS COM SEGREDO OU NÃO: Sorriso, 152 ♦  
Três quadras, 152 ♦ Antemanhã, 153 ♦ Segredo, 154

◆ Dia findo, 154 ◆ Desmaio de abril, 155 ◆ Perda da memória, 156 ◆ Pedra da memória, 157 ◆ Olho da noite, 158 ◆ Pedro-Sem, 159. TRÊS POEMAS ESTRANGEIROS: Neve, 159 ◆ As formas do branco, 160 ◆ Urna diurna, 160.

CARTA DE MAREAR (1966) ..... 163  
Viagem, 165 ◆ Biografia, 170 ◆ Amor, 173 ◆ Regresso, 177 ◆ Memória, 180.

A TARDE E O TEMPO (1964) ..... 185  
Poética, 187 ◆ Retrato, 192 ◆ Ouro baço, 193 ◆ Cítaras de tédio, 194 ◆ Plátano, 194 ◆ Pássaro, 196 ◆ Descoberta, 197 ◆ Memória, 198 ◆ Quarteto, 199 ◆ A fruta do rio-não, 201 ◆ Abril, 203 ◆ A tarde e o tempo, 205 ◆ O medo, 206 ◆ Navegação, 207 ◆ Signo e aparição, 208.

A POLIFLAUTA (1960) ..... 213  
A poliflauta, 215 ◆ Tédio, 217 ◆ Pássaro cego, 217 ◆ Beco de Ouro, 218 ◆ Passagem para o sonho, 219 ◆ Devolução, 219 ◆ Apelo, 220 ◆ Rima em al, 222 ◆ Dormir, 222 ◆ Promontório, 223 ◆ O gato enorme e preto, 224 ◆ Cirândola vermelha, 227.

Do autor ..... 230



*Toda lição é de casa. Uma ensina a aprender,  
outra aprende a ensinar. Não sei para quando  
será a viagem; não sei se parti, se já estou  
de regresso, nem se a lição é de fato minha,  
dos pombos que giram no telhado ou do silêncio  
entre o sussurro de Monk e o sopro de Mulligan,  
no meio da sala: 'Round midnight. Lá fora,  
sol alto, lição interrompida. O sal da lição:  
não saber. Sabida, lição já não é. Naquele*

*tempo eu viajava para longe, toda semana.  
Um dia estranharam minha alegria ao partir.  
"É tão bom assim?" "Não, é que aprendi  
a antegozar o prazer da volta." Nada se iguala  
ao alívio antecipado do dever cumprido. A casa  
acumula todas as lições: ontem, hoje, o mesmo  
tempo a escoar entre o já-não-mais e o ainda-  
não, centro de tudo o que sou ou tenho. Mas não  
tenho: a casa o contém. E não há lição que o*

*detenha. O que tenho é um retrato na parede.  
Um menino me fita, apaziguado, o olhar  
se dissolve na brisa. Escancaro as janelas  
e o calor da tarde me lembra: outono se foi,*

*inverno se foi, primavera aí vem. (O rendilhado de Monk prossegue, e o sopro agudo de Mulligan. Outra primavera, midday, midnight.) O menino salta do retrato, se aninha no sofá, e me lembra, sorrindo: é hora de retomar a lição interrompida.*

*Sorrio que sim, à sombra do jasmineiro florido. É tarde. Não sei a lição. Há pouco estava no jardim. Como enfrentar classe tão avançada? A sombra se adensa: é noitinha. O olhar do menino me fita, não sei se do retrato ou do canto do sofá onde se aninha, não sei se do olho iluminado da noite, e sorri. Sorrio que sim: é hora. (Monk & Mulligan insistem, agora sim: 'round midnight. Lição de casa.)*



LIÇÃO DE CASA



# GRAMÁTICA

## FONÉTICA

Datilo  
grafo  
meu espasmo rude  
em teu peito  
e os dedos cravam  
entre a bilabial  
e a sibilante  
o Ó  
inaudível

## VOGAIS

Adiar  
odiar  
ode e ar  
As vogais se espalham  
no céu da boca  
e o sopro adiado  
imobiliza  
a língua  
em forma de U

## CONSOANTES

Flácido sussurro  
o desejo abrupto  
torna o solerte  
tatibitate  
e o mais esperto  
tarta  
mudo

## MORFOLOGIA

Mastigo  
um naco de sombra  
e um assombro  
de sílabas mudas  
escorre dos dentes  
entre os escombros  
da memória calcinada

## ORTOGRAFIA

Sátrapo  
íncubo  
(sonho se escreve  
com cedilha)  
sede do desejo:

seguir a trilha  
e morrer de sede  
à beira do poço  
da armad'ilha

### ETIMOLOGIA

Saber de cor  
a água  
a cor da pele  
cada anseio  
que a língua  
recolhe

Saber de cor  
o coração

### PONTUAÇÃO

Fotograma  
atrás de fotograma  
teu rosto  
é a prolongada pausa  
impressa na retina  
entre parêntesis  
do travesseiro

## SINTAXE

Olho por olho  
a besta fera elogia  
a vítima que mata  
e sem saber imita  
o discurso indireto  
livre

## LEXICOGRAFIA

Cão de fila  
paquiderme inútil  
protozoário  
    tudo sinônimo  
    de lembrança  
língua que lambe  
a cicatriz nenhuma

## LINGUAGEM FIGURADA

Tropel de trapos  
lençol amarfanhado  
a convulsão  
de umas sílabas rebeldes  
desarrumando a cama  
& a folha em branco:  
o peito de quem ama

## FONÊMICA

Por que  
mo-nos-si-lá-bi-co  
requer  
tantas sílabas?

## ADVERBIAL

Muito  
pouco  
bastante —  
                  ama?  
exasperada  
mente

## HIFENIZAÇÃO

Teus lábios dissilá-  
bicos meu coração monos-  
sílabo: paixão pro-  
paroxítona conta-  
minada

## CONJUGAÇÃO

Eu me arquipélago  
tu te maravilhas  
ele se istma  
nós nos montanhámos  
vós vos espraiais  
eles se eclipsam

## COMPOSIÇÃO

Primeiro  
escolha o tema  
(qualquer )  
Desenvolva-o  
e extraia daí  
ou de onde puder  
uma conclusão  
A professora  
lhe dará um 7  
um 8  
quem sabe  
Esqueça  
A composição  
vem depois

Crave fundo a caneta  
na ferida escalavrada  
do joelho

(não tema)  
Raspe um a um  
os sonhos daquele regaço  
impossível

(não tema)  
Atire no ar  
o que sobrou do afago  
dolorido  
(não tema)

Agora sim:  
                  tema  
                  desenvolvimento  
conclusão

## HISTÓRIA & GEOGRAFIA

### PÉRSIA

À meia-noite  
os persas  
com seus medos  
repousam  
(o vendaval  
se recolhe)  
e aguardam  
a nova manhã  
dividida

### ASSÍRIA

Assur-Ubalit  
usou o sangue dos reis vencidos  
para desenhar em tijolo cru  
as tábuas de Anatólia  
e enterrou em cada zigurate  
um sol diferente  
para iluminar  
a noite da derrota

## OS ASTECAS

Os astecas  
enfeitam-se com bolas de fogo  
amarram lagartos à cintura  
e amam  
lentamente  
enquanto a chuva  
espalha labaredas de mel

## ATLÂNTIDA

Heracles  
abandonou o estreito de Gibraltar  
para socorrer um pirilampo perdido  
nos desertos de Atlântida

Bodhisattva por sua vez  
abandonou o shodo-mon  
interceptou o pirilampo de Heracles  
e mastigou-o em silêncio  
enquanto Benzai-ten  
soava os guizos  
com uma das mãos  
e nas outras cinco empunhava  
nessa ordem  
    o gládio  
    o minúsculo tori  
    o broche de Uga-jin

o terceiro olho de Ameratsu  
& a lua tinta de sangue

### ÁPIS

O sangue escorre  
sobre o jovem touro negro

no dorso uma águia  
sob a língua um escarabeu

no coração em chamas  
o nome bem amado de Mnévis

### CÉLTICO

Arianrod  
contrariou a vontade de Táránis  
e sob o carvalho sagrado  
entregou-se a Fionn o mago  
provocando a ira de Épona  
a deusa-égua  
que queria só para si  
as graças de Arianrod

## CRONOS

Embriagado  
circula pelos poros  
das quatro paredes  
da sala  
onde tudo começa  
e não termina

## ORBE

A labareda do centro  
imaculadamente  
branca  
atravessa camadas de ferro  
& rochas granito basalto  
quase nada:  
poeira de vidro e cobalto

Na ponta do braço espiralado  
a mão procura o sol  
enquanto a outra afaga  
a nebulosa de espuma e renda  
onde se esconde  
a cabeça que oscila  
e não compreende  
o frio dos pés a errar  
nos pagos de Andrômeda

## FASES DA LUA

Quarto crescente  
pensa que tem asas  
não distingue  
sombra de penumbra  
e perambula  
à procura da outra metade  
Quarto minguante  
soluça a esmo  
encontra o que não quer  
e se ausenta de si mesmo:  
olha o horizonte  
e acompanha  
o tropel de búzios  
e estrelas  
rasto de lua nova  
ou lua cheia  
perdida no coração  
do mar do meio-dia

## MEIO AMBIENTE

Quase tudo água  
mas um peixe atravessa  
a garganta  
seca de tanto gritar  
palavras que são pássaros  
asas inúteis

sobre a savana  
coberta de nuvens  
distantes

## HIDROGRAFIA

No peito  
serpenteia um rio  
crivado de ilhas  
e pontes  
por onde o vento circula  
à procura do mar

A vegetação rasteira  
ondula  
    ribeirinha  
como quem acena  
à lembrança  
do continente vazio

## MARINHA

Cometa extinto  
sob o céu da boca  
    a língua  
    A poeira  
    de estrelas

se concentra  
no vazio das pupilas  
e os cílios giram  
na direção do mar  
de Antares  
que espalha  
manchas azuis  
entre cavernas & crateras  
e infla as narinas  
e afinal repousa:  
humor aquoso

## CLIMA

A zona mais seca  
o deserto de Atacama  
na cordilheira dos Andes

a mais quente  
o descampado de Lut  
que ninguém sabe onde

a mais fria  
um nome  
impossível de pronunciar

é onde  
a lava hibernada  
das paixões extintas

## TEMA LIVRE

### FÁBULA ZEN

ou

*un coup d'état jamais n'abolira le hasard*

— É preciso ser bom  
para estar com eles  
ou é preciso estar com eles  
para ser bom?

O primeiro discípulo partiu  
o segundo o acompanhou  
o terceiro seguiu etc

O penúltimo:

— É preciso estar com eles  
para ser bom  
ou é preciso ser bom  
para estar com eles?

O último tomou da rutilante espada  
e decepou  
a cabeça do mestre  
a cabeça do penúltimo  
e reiniciou a interrompida  
meditação

## WUTHERING HEIGHTS

Aconteceu que outrora era uma vez  
e quis e foi e fez até que um dia  
pois tudo já seguia eis senão quando  
oh deus oh oh etc (mais uma vez)

Fim? Só depois que a pálida senhora  
do alto monte resolve despenhar-se  
de uma vez entre anáguas e cetins  
uivando: o more myself than i am!

## PRIMEIRA COMUNHÃO

Terninho  
ou vestido branco  
sapato novo  
coração apertado  
saltando  
no céu da boca  
olhar suspenso  
mão cheirando a vela  
(ele ou ela)  
mais nada

## MANUEL/MANOEL

O de Barros  
tem um rio  
indo embora de andorinhas  
O outro  
pegou numa  
                  e ficou  
espreitando as águas  
à toa  
à toa  
à toa  
(Quem me dera  
uma gota uma só  
dessa água sobeja  
pra ver se espanto  
este grilo  
que rumoreja  
e estala  
                  qual açoite  
na boca da noite)

entre la cigale ayant chanté  
e la fourmi sans merci  
mon coeur s'endort

entre a raiva miúda  
e o brouhaha graúdo  
mon coeur n'oublie rien

entre l'entrelacement  
e l'entrecôte flambé  
mon coeur s'entretien

entre entre entre  
entre sem bater: bah!  
mon coeur s'en va

## ÀULA DE INGLÊS

with many thanks  
to Maria Fernanda

Alienor of Aquitaine  
Mary Tudor  
Elizabeth Tudor  
Mary Stuart  
Mary Scot  
Elizabeth the Virgin  
Victoria o yeah  
Elizabeth what?  
Mary who?

Mary Quant  
Quantas  
rainhas nascidas destronadas  
vulcão entre as pernas

Anyhow  
God shave the queen

## BIOLOGIA

Metáfase  
lábio contra lábio  
o fálico e o encefálico

anáfase  
as fibras se contraem  
e migram  
em sentidos opostos

telófase  
o universo todo  
se desorganiza  
à procura da célula-mãe

prófase  
tudo desaparece  
progressiva  
mente  
lábio contra lábio  
um biobeijo só

## MATEMÁTICA

O quantificador existencial  
existe?

Existe pelo menos um?

Existe um?

A negação  
de uma disjunção

não é

a negação  
de um condicional  
simples

Ah essa dor no joelho  
resistiria

à visão das coxas da professora  
sob a mesa?

## CANTO ORFEÔNICO

O pianofole  
de dona Ernestina  
anuncia

oooooooooh  
Anhangá fugiu  
fugiu eh-eh  
Anhangá fugiu  
fugiu ah-ah  
foi você

Foi você que abriu  
o pianofole  
de dona Ernestina  
para entre  
        ouvir  
o canto órfão  
que nunca termina

### LIÇÃO DE JOSÉ PAULO PAES

A poesia está morta Zé não está?  
Sabemos que não foi você  
sabemos mais: o que está morto  
é esse pouco em nós melhor  
do que nós — esse tudo-nada  
que você nos ensinou a ver ou  
a adivinhar a afagar à distância  
Mas sem você Zé como saber?  
Fiapo de nuvem risada timbre  
menino de verso novo estalando:  
esse pouco vai ver fica melhor  
        onde está  
        e não está  
Esse pouco Zé era muito não era?  
Por isso você o levou passear  
A poesia está morta Zé?  
        — Não está

## TRABALHOS MANUAIS

Filigranas de rico macramé  
a dobradura  
o aramado  
o gesso correndo em fio  
    aquém do molde  
mas nada se iguala  
à serra tico-tico:  
rasga o mapa do Brasil ao meio  
e anuncia

esconde-esconde  
chicote queimado  
trepá-trepá  
cabra-cega  
amarelinha  
bilboquê-diabolô

hora do recreio  
amara berlinda  
hora de aprender  
o que não finda

## RECREIO

### CATECISMO

Você cate  
eu cismo

### DESENHO

A mão inábil  
o olhar rendido  
à magia das cores  
pastel  
aquarela  
guache  
giz-de-cera

Desenhar figuras  
recortar na folha em branco  
o nunca visto

Pour faire  
le portrait  
d'un oiseau  
o olhar escultor

imagina a gaiola  
sem porta sem grades  
    sem nada  
e o pássaro vem  
bicar-lhe a mão  
no azul  
    da madrugada

## GINÁSTICA

Um-dois  
um-dois  
um-dois-três  
um-dois  
um-dois  
um-dois-três  
um-dois  
um-dois  
...  
chega pra lá!  
vai procurar teu par

## MODELAGEM

Papel maché  
argila  
barro

massa  
modelar o quê?

Modelar o ar  
cavar em torno  
o oco sobrando  
ao quase nada  
de dentro

o já-não-mais  
do ainda-não

Modelar o grito  
a água que escorre  
o brilho da estátua

(O que não tem modelo  
modelado está)

## ARS POETICA

*para Luiz Antônio Cajazeira Ramos*

Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac  
teu nome excelso bardo alexandrino túrgido  
rebrilha sem igual na capa do almanaque  
mas túrgido não rima com porra nenhuma

Não rima? Rima sim poeta mouco. Apruma  
os ouvidos afina-os perscruta e eis que surge do  
recorte frouxo a boa solução — espuma  
poeira que reluz em teu olhar basbaque

Mas ah agora outra rima deixou capenga  
teu verso. Deixou? Queres ver? Acende a lâmpada  
abre a gaveta afasta da vista os emplastos

folheia o almanaque até o mapa dos astros  
pronto! Agora desdobra com cuidado a estampa da  
rua morta. Viste? E deixa de lenga-lenga

### MARCA REGISTRADA

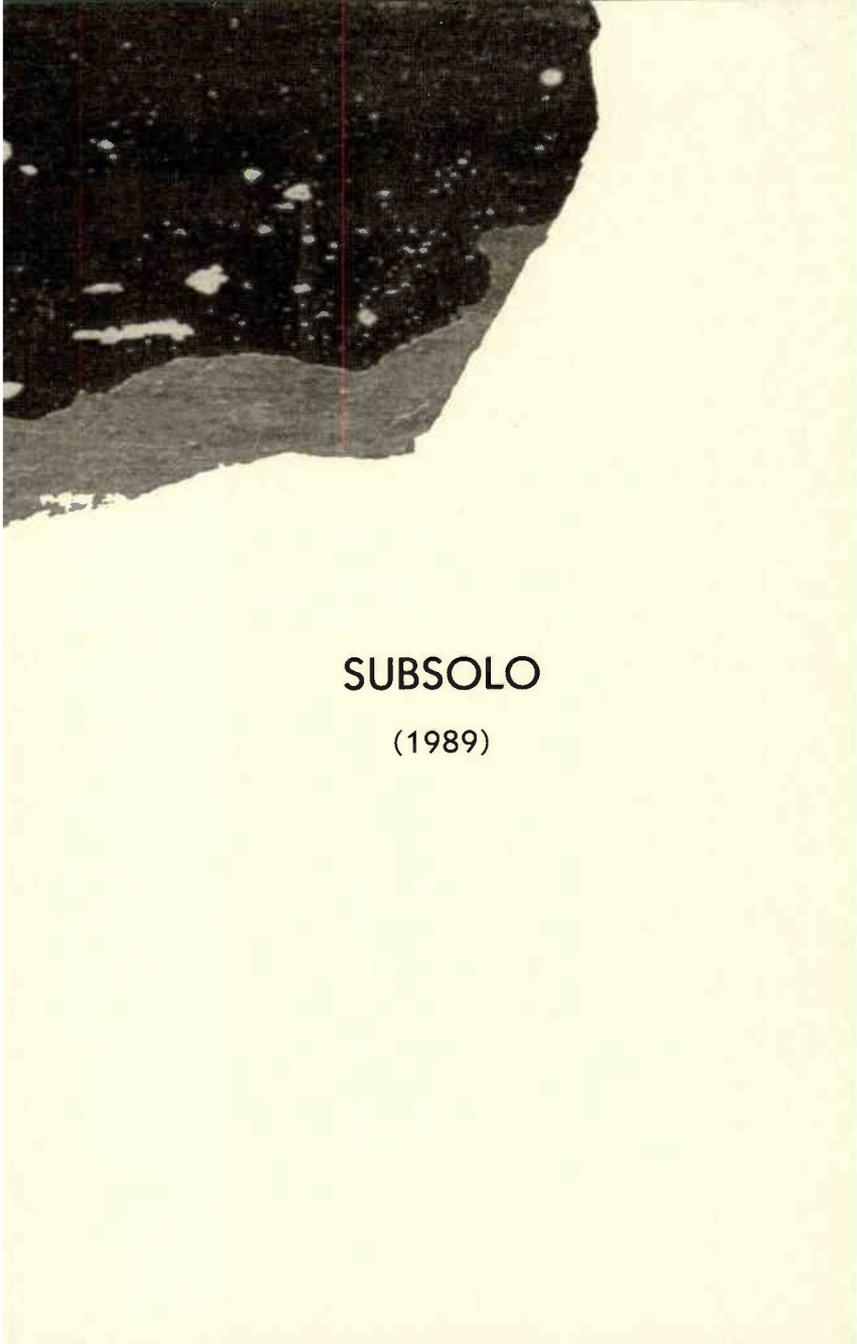
Volkswagen?  
Fogo selvagem

General Electric?  
Fé geral na ética

Blaupunkt?  
Bela puta que te

Chanel? Dior?  
Chinelo pior

Loção Revlon?  
Revolução



**SUBSOLO**

(1989)

*para* Manuela e Luís Felipe

I

### ADÁGIO PARA JEAN-PIERRE RAMPAL

O que não fiz, guardei no subsolo.  
A flauta a arder no escuro é meu consolo.

No ermo deste solo a dor é minha  
ou é do acaso e nunca dói sozinha.

Dói no gesto, já alheio ao se esboçar,  
doeu em mim e dói na música,  
no ar.

O que não foi, deixou de acontecer  
ou queima nesta flauta até o amanhecer?

Do subsolo nada mais espero,  
o sopro desta flauta é quanto quero.

Neste sopro arde o país de onde venho.  
Como perder o que não tenho?

É este o meu país e não sou eu,  
é o corpo onde meu corpo se estendeu.

Minha pátria, esse corpo.

Nele vivo,  
nele reparto meu sonho cativo.

Inútil esperar o que não vem.  
Se tenho, não é meu. Nem de ninguém.

Mas tenho: meu corpo estendido no escuro,  
as mãos errantes noutra corpo mais puro.

Nada do que tenho lembra o que mereço.  
Perdi. Hoje só tenho o que não peço.

Da flauta o solo cresce no espaço,  
entre as dobras do sono e o meu abraço.

No sub deste solo a flauta arde.  
Antes solo do que nunca, ou já bem tarde.

O que-não do que-sim é coisa morta,  
ou, antes, mal nascida  
e pouco importa.

No sub deste solo a flauta chora,  
o choro passa e não fica, passiflora,

canto solto no ar. Melhor assim.  
É ali que a flauta soa e não em mim.

O que não soube nem fiz, se mudou  
neste solo: o que-não do que, sim, sou.

## CASA

Pedra  
cal  
barro  
nuvem  
ergo meu quarto e me abrigo:  
rumo espaçoso  
arqui-inimigo.

Neste quarto me desvendo  
me defendo  
me circundo  
meu quarto não tem  
o tamanho do mundo.  
Quatro paredes sem prumo  
ao norte limitadas pela brisa.  
Se uma nuvem poussa  
o barro desliza:  
coração vertido em bruma.

Em quatro passadas  
percorro meu quarto  
e retorno  
e torno  
a percorrer  
desde manhã  
até o anoitecer.

Meu quarto  
minha casa inteira

quarto e varanda  
quarto e sala  
sala de estar  
e de ser.

Carrego meu quarto comigo  
e o sol se vai.  
O braço direito sustenta  
a parede fronteira  
enquanto o esquerdo se perde  
em rotação universal.

À janela  
um rosto  
contempla o horizonte  
manchado de cal.

Quatro muros de arrimo  
barro ainda úmido  
alvenaria

meu quarto  
se dissolve no ar da noite.  
Cataclismo?

Terremoto?  
Ventania?

Só a noite cai.  
Convertido em sombra  
meu quarto  
se esvai.

Pedra  
cal

barro  
nuvem:  
frágil argamassa  
                  inútil  
construção de um só dia.  
Carrego meu quarto  
para dentro da noite  
comigo  
          e recomeço:  
paredes de sonho  
          (barro  
de um novo dia?)  
quem sabe  
a improvável melodia.

### ALMA CATIVA

Solo & subsolo: nuvem.  
Sonho sobre a relva,  
pasto, ruminar sombrio.

Solo & subsolo: nada ou  
quase o olhar devassa.  
Vasto, o ar vazio.

Sobre a relva, nuvem.  
O vento agita as folhas,  
secreto, pouco. Um sopro

roça as ervas daninhas.  
Sussurro e mais nada  
se avizinha deste solo.

Subsolo: o pássaro  
já alto voa (sol)  
e o peito inútil arde.

Solo & subsolo: frágil  
rumo. As mãos desam-  
paradas cavam, ali,

onde olhos nuvem boca  
se reúnem: sempre viva,  
madressilva, miosótis.  
Subsolo: alma cativa.

## BLANCA LUNA

Blanca luna tece no ar  
os fios da veste  
em que se despe.  
Enxame de lumes  
vagalumes:  
um dorso rebrilha.

Meu corpo resvala  
nas dunas.

Resvalo no vale  
    banhado  
de blanca luna.

    Ao longe  
o ronco surdo do mar  
acompanha, desam-  
parada, já alta no céu  
da tua epiderme,  
a lua branca:  
platiluna lunária.

Meu corpo resvala.

## MATINAL

Um novo dia é só isto:  
estrondo que ninguém ouve,  
estilhaço de cristais  
entre as dobras  
do travesseiro.

    Inútil  
afundar a cabeça,  
tapar os ouvidos.  
A noite se foi.

    Com ela  
o cabedal de trevas  
e lembranças raras

que povoam  
tua vida nenhuma.

Teu sonho?

Tua alma  
verdadeira?  
Prego enferrujado.  
Esquece.

Afasta  
os lençóis, ergue  
esse corpo indolente,  
o coração amarfanhado,  
e grita bem alto  
(para ninguém ouvir)  
um novo dia é só isso.

## LEMBRANÇA

Às vezes me pergunto  
se de fato aconteceu.  
Beijo enfurecido?  
Vendaval? Centelha  
de febre

entre coxas  
entrelaçadas?

Sei que não coube  
em minhas mãos,  
me deixou boquiaberto,  
inútil.

Melhor  
não ter acontecido.  
Não me arderia o peito  
quando tento lembrar  
e não consigo.

### REALEJO

O realejo  
lembra alguma coisa:  
uns braços nus,  
o rosto alheio,  
jamais tocado.  
O realejo lembra  
o que você não quis.

Um pouco da indesejada  
das gentes se esconde  
no bolso esquerdo.  
Maçã murcha  
de um só lado?  
O embrulho esquecido  
no metrô em Paris  
Lisboa  
San Francisco?

O realejo lembra  
o que você não sabe.

O realejo lembra  
um coração empoeirado.

Um pouco de coisa morta  
se abriga na cantiga inútil  
e segue matando  
enquanto não se apaga  
a luz do corredor  
no fim da casa.

O realejo  
não lembra nada.

De tudo um pouco fica:  
roçar de pele, veneno sutil,  
a água,

o frio que não passa.

O que não fica  
é o que morre.

Um pouco de vida em cada coisa  
é o que lhe resta.

Nas entranhas de qualquer cidade  
um embrulho segue  
a viagem impossível.

A maçã espera ser mordida,  
embora um travo de fel

o aguarde suspenso  
do outro lado.

O realejo lembra,  
sim, alguma coisa  
que não vale ser lembrada.

Melhor esquecê-la  
no bolso esquerdo,  
empoeirada.

Cantiga subterrânea

essa coisa  
(pena que você não lembre)  
é pouco mais que nada.

## PÉRIPILOS

Os mesmos sem roteiro tristes périplos.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Perigosas peripécias peregrinas,  
pretéritos, múltiplos périplos,  
roteiro triste sem, mais triste com:  
amor, o sempre amor esdrúxulo.

Amar: ninguém, vertigem, pássaro.  
O mesmo amor escava em círculos  
fundo, leve, e grava na alma  
o que na pele se adivinha.

Grava, não: desata o mais recôndito  
soluço adormecido ali, onde  
boca nuvem coxas se reúnem,  
lastro alado, cavalgada e pétalas.

Os mesmos, sem roteiro — pássaros,  
périplos tristes, sim, ou não ou sem,  
fadados a voar e a amar. Amor:  
nada vinha adivinha ninguém.

O pólen se alastra pelo corpo  
de outro corpo, onde se esconde  
a alma de uma alma toda músculos  
e brisa, e inflama ar e sonho.

Flâmula sem mácula, oriunda  
não se sabe de onde ou quando,  
para sempre ali gravada, ou núncaras,  
na pele de outra pele de outra pele.

## AR/AROMA

A sombresparsa noite de dálias decepadas  
denuncia o cálido perfume oculto  
nas dobras do lençol amarfanhado.  
Na cama vazia de ruído ou vulto,  
o silêncio adensa a sombrespessa.  
(A noite é um insulto.)

Noite de sombra, inútil perfume alado.  
Já não retine a nítida campânula  
de lírios e receios e o monocórdio coração  
anula a memória de amar como um pêndulo,  
amor amaro, aroma pluridesplumado.  
(O amor é uma flâmula.)

Amor? Um quase nada a tremular  
a chama cheia de gnomos e arpejos,  
que num assomo explode e vira maremoto

e se arrasta e grava a auriflama do desejo  
na pele vazia do mar de coisa nenhuma.  
(Vício e tatuagem.)

Emblema: o quarto é uma fornalha quase  
branca de tão rubra, mas um ponto negro  
cresce e se avoluma e a noite insultuosa adentra  
o peito de quem ama e a chama se consome  
em sombra e o amor passado é só um perfume  
no ar (vazio) aroma.

## GESTO

A esquerda arrasta os farelos  
que a outra  
    em concha  
    recolhe  
à borda da mesa.  
(Um resto de luz da tarde  
flutua entre a cortina  
e o chão da sala vazia.)  
O punho ergue cioso  
o seu legado  
    e se detém  
contra a moldura da vidraça.

O último gole  
sabe a outra coisa:  
outra luz

outro punho cerrado  
um perfume  
o retrato na parede  
quem sabe.  
A esquerda hesita.  
A outra  
se abre  
e espalha no ar  
o negrume da noite  
definitiva.

## SOMBRA

*para Flávio Moreira da Costa*

O rosto enfiado na terra  
escrevo solo e digo nuvem.  
Solo & subsolo, conluio  
amoroso de asas e raízes.

O silêncio conspira,  
até a viração da tarde  
cessou. Já mal suspira.  
Escrevo solo e o peito arde.

O rosto guardado na terra,  
nada me lembra ou esquece.  
Escrevo solo. Sombra  
entre sombras, o dia amanhece.

Manhã de maio semeia,  
não choro nem sinto.  
Digo nada, acorde esvaído  
num sonho indistinto.

O rosto abrigado na terra,  
mal sei do lamento das folhas.  
Mal sei, mal sim, mal não:  
não sei onde abrigar o coração.

## II

### CAVALO ALADO

Foi como ervas e arrancaram-no.  
Hoje pasta absorto em campo sombrio  
(perdido voo, exílio nefasto) e  
lambe cicatrizes de ferida nenhuma.

Às vezes relincha, reclina  
o dorso à procura de um rasto,  
resto de fome clandestina,  
mas não rasteja: ergue a fronte  
e sopra dardos de fogo no horizonte.

O pouco do nada que lhe coube  
é muito. O peito chora sem lágrimas  
enquanto a cauda e a mansa crina  
ondulam (brisa leve, pranto  
alheio), rolando nas dunas  
e nas ervas que foi, entre urzes.

Arrancaram-no mal raiou a madrugada.  
Hoje pasta absorto entre sombras,  
alimenta-se da noite e sabe  
que eterno dura. Mais nada.

## TOURO NEGRO

Dia e noite, arrasta  
no sopé da montanha  
o cortejo de astros que pendem  
do seu dorso abandonado.  
Uma vez por ano,  
as mandíbulas se agigantam  
e da garganta inflamada irrompe  
a lava que tinge de rubro  
o firmamento sonhado.  
Entre o magma ancestral  
e a pedra refeita  
seus olhos rutilam.  
Ao reabrir o cortejo,  
ergue-se nas patas traseiras  
para avistar  
                                  ao longe  
a flor azul que brota,  
                                  todo ano  
no topo da montanha.

## LOBO

Calado  
abraça a neblina  
e cerra os olhos  
como quem desmaia.  
Púrpura, mágoa

sem remédio,  
as patas enredadas  
em silêncio e lama:  
tudo em volta é solidão  
doçura.

E ninguém sabe  
de onde vem  
nem como  
o uivo alucinado  
que lhe sai da boca  
e rasga a noite  
como um coração  
que arde.

## TARÂNTULA

*para João Moura Jr.*

Canta  
e no cantar desfia  
o seu segredo.  
Prenhe de si  
a voz  
escorre severa  
multiplicada em teia  
soluços  
gemidos.  
Em cada nó

um coração perdido.

Indiferente

ela tece

azul

a cantar.

A voz são lágrimas

a teia é antiga

o canto nunca

há de cessar.

## RATAZANA

É ódio

ou brisa

o que lhe escorre

entre a baba

e as patas sutis,

aquém e além

do focinho enviesado?

Barata, perce-

vejo, aranha, noz

moscada, pólen:

os olhos miúdos

destilam

o puro gozo de roer

a própria alma

enquanto

o fino rabo se alteia

e foge

e aponta  
para o teto esburacado.

## BOI MORTO

O rio amassa as águas mansas  
ou verte o ódio mudo, prestes  
a explodir em outro mar?

O rio arrasta no seu dorso  
calhaus e um punhado de terra,  
sem alarde, e lama e agonia.

A carcaça do boi flutua  
enquanto o negrume das águas  
lambe o peito inerte da lua.

Ossos negros, corpos nus, gado  
a roer a terra, e lodo e medo,  
cada vez mais fundo, sob as águas.

O rio (torrente, procissão)  
escava cavo o leito aflito,  
lá onde nasce/morre o grito.

O rio a roer a terra: urro  
de lama e galhos retorcidos,  
ou só gemido, olhando a lua,  
o vento uivando além,  
sussurro?

## POLVO

Parece mover-se lentamente  
mas gira em torno do eixo invisível  
a velocidades espantosas.

Esculpe maravilhas na água:  
oito braços que cortam  
blocos precisos.

Depois se cansa.

Expele o negro óleo do tédio  
(cortina? biombo?)  
e ao limbo devolve  
as imagens sonhadas.

Segue girando  
eternamente.

## PEIXE

*para João Luiz Lafetá*

Manhã  
percorre os seus pagos.  
Não vê senão anêmona  
açafraão miosótis  
onde só bolhas de ar,  
restos de nuvens.

Tarde  
pastoreia o sol

e entrega à própria sorte  
o líquido jardim.  
Não sabe de onde vem  
mas sabe que virá  
o reino transparente  
que lhe cabe.

Noite  
cansado de tanger  
rebanho insubmisso  
repousa  
e sonha que tem asas.  
Nada lhe detém o vôo.  
A pele,  
coberta de espuma,  
rebrilha ao luar.

## LAGARTIXA

*para Margarida*

O peito é de vidro.  
Os olhos, porcelana  
delicada e astuta.  
Da língua  
                  escorre  
o néctar sutil.  
As patas são de estanho,  
mas sabem se mover  
imóveis: mal flutuam.

O ventre é quase nada,  
pura transparência  
onde se escondem  
o dorso e seus andaimes.  
Não tem entranhas.

A pele  
de tão fina  
já não é:  
    limita  
semovente  
o nada de fora  
e o quase nada  
de dentro.

O peito é de vidro  
mas às vezes se desmancha  
em pétalas.

    Dentro  
pulsa um coração  
que imobiliza  
tudo em torno.

O rabo, sim,  
é feito de algo  
insuspeitado:  
    nuvem  
    algas  
milhares de roldanas  
    e desejos  
enrodilhados na engrenagem  
que espaneja o chão

e foge  
para o céu aberto.

## GALO

A madrugada se aproxima  
e traz consigo o manto frágil  
da bruma. O galo acorda e canta,  
absorto, alheio ao seu contágio.

Alheio, não: desconfiado.  
Os olhos fecha e abre a garganta.  
É o grito alado de quem sabe:  
A noite é curta, a vida é tanta.

Enquanto a manhã principia  
e engole o último clarão  
da lua, o galo entoa o seu  
canto roufenho e raspa o chão

e canta e raspa e escava aflito  
e busca, ali, no chão deserto,  
alguma sombra que por ele  
enfrente a luz do dia incerto.

## BOI PARA GUILHERMINO

O boi de março e sua baba.

GUILHERMINO CÉSAR

O boi sabe da baba que escorre, sabe  
da vida inútil que erra e em si não cabe.

O boi sabe pisar a terra como quem flutua  
entre o remorso alheio e a campa nua.

O boi sabe do peso do seu casco errante  
e do lago perdido num olhar distante.

O boi sabe, amoroso, raspar o chão  
e ruminar na mesma palha sonho e coração.

O boi sabe esperar paciente o que não vem,  
e mesmo que viesse já viria sem.

O boi sabe, afinal, que a baba escorre  
e fica, e em volta o dia (como tudo) morre.

Mais não sabe o boi, nem saber precisa.  
Já lhe basta a afagar o dorso a mansa brisa.

## UNICÓRNIO

De ordinário, manso,  
mas imprevisível.

Alimenta-se de moscas,  
folhas tenras, lembranças.  
Desperta com o dia  
e soletra, um a um,  
os nomes bem amados.

A memória,  
um prodígio — espessa  
como a aspa solitária  
com que raspa as trevas  
e afugenta a escuridão.

Nada teme,  
salvo um dia acordar  
depois da aurora.

(Quem lhe cobrirá de sonho  
o morto coração?)

## FAGÔNIO

Lida de sol a sol.  
Mede menos de um palmo,  
ao findar do dia,  
mas começa a crescer  
mal a noite cai.  
Alimenta-se de escuros,  
engole nacos imensos de breu,  
sombra, negrume:  
o cortejo de trevas que brota  
do útero da noite.

Cresce  
    e alcança  
o prodigioso tamanho  
de dez vezes dez palmos.  
Ao raiar do dia,  
rodopia  
    e se consome  
e retorna ao tamanho  
quase palmar  
de antes.

Um dia, porém,  
ao primeiro vislumbre da aurora,  
o solar eclipse dobrou  
as trevas da longa noite.  
Não houve escuridão capaz  
de lhe saciar a fome.

Hoje,  
enquanto as narinas farejam  
o umbroso cortejo que rola  
pelos confins de Andrômeda,  
a outrora diminuta cauda hesita  
entre Plutão e Netuno.

    Fagônio  
chora o pequeno sol negro  
    que jaz  
em seu coração adormecido.

## MINOTAURO

Abrasado em sonho, uma vez foi rei  
de um reino sem refúgio nem fronteira.  
Reinou além do seu país e sua grei,  
enquanto ruminava a hora derradeira.

Seu coração de lava incendiou  
a memória de dalias e jacintos  
e o segredo que o vento lhe negou  
se converteu em treva e labirinto.

Estrelas e nuvens teve a seus pés  
(o sonho azul de toda criatura)  
e tudo recusou. Um trono fez  
do nada em que abrigou sua loucura.

Hoje devora gafanhotos e o mel  
destila do seu flanco sem idade.  
Reino em ruínas, seu manto é o céu,  
onde pasta serena majestade.

### III

## TIRÉSIAS

*para João José de Melo Franco*

Os desejos ardem no céu,  
como sombras.  
Palavras ignoram os rios  
que dormem nos olhos,  
como sombras.  
Toda paisagem lembrada  
é um muro de pedras,  
como sombras.  
Pássaro ensangüentado,  
por que o amor é feito de gritos,  
como sombras?

Os dias se perdem no ar,  
os dias se ganham no ar,  
inteiros no ar, transparentes,  
como sombras.  
Girassol, sempre sol, a alma  
lúcida e fria gira ao sol  
e os passos avançam firmes,  
como sombras.

Por que os desejos, pedras  
lavadas, atiram nuvens para o ar,  
como sombras?  
Retinas fatigadas  
geram flores tangíveis,  
como sombras,  
e os olhos lançados longe  
(perto?) devoram sempre  
as mãos abandonadas,  
como sombras.

### JOCASTA

Olha em redor e crava os dentes  
finos. Um naco avermelhado  
salta e o tenro coração  
palpita: almíscar nacarado.

Fome ou doçura, um fio  
escorre dos lábios e planta  
a longa fieira de bronze  
e guizos rubros na garganta.

As mãos apertam em fúria  
e gozo o ventre ilu-  
minado pelo filho  
amado, concebido em sonho.

Os seios nus são duas tochas  
sobre Tebas arruinada.



## D. DINIS

Plantador de naus a haver.

FERNANDO PESSOA

Buscando entre as flores do verde pino,  
a d. Dinis pouco lhe importa achar.  
Sabe o que quer? O seu cantar d'amigo  
não faz senão às flores perguntar:

*Ai Deus, e u é?*

Enquanto ronda os longes pinheirais,  
o rei plantador de naus a haver  
pergunta e sabe que é melhor jamais  
encontrar que um dia vir a perder.

*Ai Deus, e u é?*

O mesmo grito rouco e sem idade  
assombra o orbe todo, a indagar.  
Não crê Vossa Alteza que é tempo já de  
alguém lhe dizer que tal cousa não há?

*Ai Deus, e u é?*

Que deseja afinal a voz que indaga?  
E saberá dizer se achado for?  
Nada mudou: o bem co'o mal se paga,  
mundo aqui temos falso e sem sabor.

*Ai Deus, e u é?*

Mundo sem mesura (acresce o jogral  
Martim Moxa), não se corrigirá.

Onde grandeza? Onde amigo leal?  
Que espera Vossa Alteza i de achar?  
*Ai Deus, e u é?*

No mundo, el-Rei, a verdade minguou,  
já o disse Airas Nunes com pesar.  
Quem a quis achar, consigo se achou  
e se assim é escusa de a ir buscar.  
*Ai Deus, e u é?*

E d. Dinis, a plantar naus nenhuma,  
bem sabe que não chega a ser mentira  
o que verdade não é. Assim, umas  
naus, pra dizer isso ao mundo, partiram.  
*Ai Deus, e u é?*

Mas outras, não. Aquelas naus plantadas  
entre flores por fim apodreceram.  
Hoje só resta uma voz apagada  
a suplicar p'los que no mar morreram.  
*Ai Deus, e u é?*

O mar, el-Rei, é pouco, as naus são tantas!  
Como há de tanto sonho navegar?  
Só nos cabe indagar, co'a Triste Infanta,  
por que me não vou alhur esterrar?  
*Ai Deus, e u é?*

El-Rei já sabe, alhur é mais além —  
não poderia melhor mundo achar?  
Melhor, pior... Mas pode achar também

que desde há muito desterrado está.

*Ai Deus, e u é?*

Ou pode achar que para sempre, alfim,  
à própria alma foi que desterrou.

E hoje, a indagar no mar sem fim,  
i busca perder o que não achou.

*Ai Deus, e u é?*

## JOANA D'ARC

Olhar sem malícia,  
corpo sem pecado,  
a alma sonha blandícia,  
coração enlutado.

Na alta fogueira jaz,  
nada mais a move.  
Espera o que não quer,  
desespera do que sabe.

Sabe? O fogo incendeia  
tudo em redor  
e uma chama azul abriga  
o coração em flor mudado.

Olhar sem malícia,  
corpo sem pecado,  
a alma não sonha,  
é blandícia.

E um coração alado  
tinge de azul  
(é manhã)  
o mundo carbonizado.

### A PAIXÃO SEGUNDO CAMÕES

Transforma-se o amador em coisa alguma,  
sem dolo, sem virtude, sem razão.  
Por muito amar, dispersa o coração  
e rói daquilo que é a alma nenhuma.

As esperanças perde, uma a uma,  
de decifrar o rosto da paixão.  
Sem rumo, ilhado entre o sim e o não,  
perde-se no amor de um mar sem espuma.

Transforma-se o amador em coisa errante,  
atira ao vento um grito enrouquecido,  
buscando encontrar-se na coisa amada.

A pele rota, o gesto vacilante,  
transforma-se, de amar como um perdido,  
em sombra de si mesmo, ausência, nada.

do baiano poeta Sosígenes.

Abandona de vez essas volucres, Lídia, rosas  
e deixa-as fanar

        não no regaço teu  
mas no de quem as inventou para o abandono.  
Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do igarapé,  
como quem se senta rente ao precipício.  
Mas vem depressa.

        O dia,  
o dia dos prodígios,  
é só um dia e não tarda e virá (aí vem!)  
cavalgando o dorso do solstício de dezembro.

## LE DOUANIER

O olho elephantino espreita  
e a diva de alabastro no divã se ajeita.  
No meio da folhagem, Henri  
Rousseau também espreita  
(a diva no divã sorri?)  
e num prodígio de verde

        ocre  
        azul  
        cobalto  
        & gris

da flauta saltam dois leões senis.

O arvoredado cobre e recobre

a diva cercada de caules  
galhos  
folhas

& olhares retesados.

Laranjas e símios pendem dos ramos  
retidos no sopro da flauta.

A lua verte o seu sudário  
e tudo em torno é placidez de aquário.

Le Douanier recolhe o cavalete  
as tintas & os pincéis e sonha  
o colorido aprisionado  
na paleta inútil:  
milhares de olhares hostis  
no muro da cidade imensa  
e fria  
e gris.

Enquanto lança teatral mesura  
à diva de alabastro,

acaricia  
a juba do leão mais próximo.  
Depois, apanha a flauta  
e sem olhar a lua, que vai alta,  
sorri.

## FAUSTO

O dedo em riste  
aponta o horizonte  
e o ódio persiste  
no rosto bifronte.

Morde e remorde  
a própria língua,  
mal ouve o acorde  
esvaído à mímica.

A sanha incontida  
arde e devora,  
em dura lida,  
o peito que chora.

O próprio sangue  
escorre, incapaz  
de aplacar, exangue,  
a sede voraz.

O acorde a cantar.  
O corpo é uma chama  
e espalha no ar  
o ódio que ama.

## IV

### INCONFIDÊNCIA

1.

Tu não verás, Marília, cem cativos.

Verás muito mais:

cem mil  
cem milhões.

A não ser, Marília bela,  
que escolhas esconder do teu amado  
os fastos da sábia mestra História  
e da Poesia, enquanto ele se enreda  
em já enredados autos e processos.

Não, tu não verás.

Tu simplesmente  
não!

Mas o sim da cegueira final  
será explosão incontida  
nas mãos de cem milhões de cativos.

2.

Pergunto, perguntas,

e tua voz

se esconde entre o sonho e a brisa,  
a mesma brisa que beija e balança  
o pendão da esperança.  
Mas o sonho mudou.

Hoje todos se ufanam do que não têm.  
De Vera Cruz a água soverteu a Ilha,  
o mar agora é rio, o rio

ninguém.

Ah! Marília, doce mar de maravilha!  
A Pátria está salva? A luta foi ganha?  
Não sei por que te assanhas  
se me perco em tuas ondas.  
Não sei por que perguntas  
se não queres que eu responda.

Teu sonho mudou? Mudou meu amor?  
Mas que mudança é essa  
que não muda mais como soía?

3.

Nesta hora de sol puro, Marília bela,  
palmas paradas  
pedras polidas  
claridades  
faíscas  
cintilações  
o poeta ouvia o canto enorme do País.  
Já eu me esforço por ouvir alguma coisa



sei amar seus pesares.  
Por isso canto  
(fazer o quê?)  
desde manhã  
até o anoitecer.

De madrugada  
(graças, Marília bela, graças à nossa estrela)  
bebo lama, como urtiga e recomeço:  
estrela-d'alva  
estrela anã  
estrela errante  
setestrela  
estrela cadente  
estrela-do-norte  
estrela-do-mar  
— quantas estrelas faltam para o dia começar?

5.

Não, Marília, tu não verás.  
O teu amado  
tinha um coração maior que o mundo,  
mas no teu coração, Marília bela,  
cabe o teu amado com o coração que tinha  
e cabem todos os amados deste vale fundo  
de lágrimas, amores bravios & ervas daninhas.

Não, Marília,  
tu não verás o doce rio

roer a terra com brandura;  
não verás o sol enegrecido  
secar da amarga cana o sumo;  
não verás cair do céu as aves  
na doida revoada final  
pois o sol é grande e caem co'a (c)alma as aves  
— já dizia o velho Sá  
admirado não sei se do sol ou de quê.

E o campo, todo arado, Marília bela,  
será manso ninho  
onde podias repousar de teus cuidados.  
Mas o teu coração  
não se cansa de sonhar.  
Por isso não verás. (Melhor assim.)

Por que rever o que já sabes?  
O doce rio  
a terra branda  
a cana e o sumo  
os pássaros doidos  
o manso ninho  
— tudo isso nasce, Marília, do teu coração,  
o coração maior que o coração maior  
que o mundo  
e que no entanto  
te gerou.

Assim, cruel Marília,  
há que apascentar o nada que te cerca  
e deixar que o sol e a terra branda  
e tudo o mais

se perca.  
Até que um dia  
    os cem  
    os cem mil  
    os cem milhões de cativos  
atirem teu coração ao mar profundo  
e tua Terra volte a ser do tamanho do mundo.

## MÁRIO E O MINOTAURO

1.

Era uma corredeira insana  
você sabia.  
O ouro lustral brilhava no dorso das águas  
mas ouro não era  
    era  
uma corredeira insana  
a roer o âmago das águas  
apascentadas do alto  
da ponte das Bandeiras.

Tabatingüera  
    era  
uma corredeira insana  
esse rio  
    e você  
tupi de uma perna só

a tanger um alaúde de vidro  
sob o sol dos desertos da América.

O rio que corre pela vila de Anhangüera  
Mário  
é menor que o rio que corre pela aldeia dele  
mas porém é menor ainda que tua sede  
corredeira insana  
rio que cabe inteiro na lágrima que cai  
do canto do teu olho esquerdo:  
Tietê-mirim  
Igaraporiqüera  
corredeira insana  
de repente morta!  
Estalo!  
Parou!

2.

De que serve agora você aí  
a gritar batat'assat'o-furn  
nas fuças do Minotauro?  
A ponte das Bandeiras  
partiu-se em mil pedaços,  
e o Carro da Miséria apodrece  
no almoxarifado da cidade  
que te viu nascer  
e viver e morrer,  
o tempo todo tangendo  
esse alaúde de vidro.

O Minotauro engoliu a cidade-  
labirinto e faz a festa

e se distrai:

vomita pedaço por pedaço,  
engole tudo de novo  
e regurgita  
e torna a vomitar  
e a engolir.

(É isso o que resta?)

Mas você não desiste  
e grita.

O Minotauro se assusta

e teme que um dia

aquela tua lágrima

corredeira insana

volte a rolar no leito podre do Tietê-açu

e reverta em milhares de brilhos vidrilhos

— e tua cidade (saudade) volte a estender

sobre o planalto

o mapa iluminado da Costela do Grão Cão.

## MÁRIO DE ANDRADE EM SAN FRANCISCO

*para Roberto Piva & Cláudio Willer*

1.

Dez horas da noite.

Percorro os meandros do Chinatown em San Francisco

e entre becos de névoa e olhares aflitos  
é a ti que procuro

— São Paulo, comoção da minha vida —  
na voz de Mário, teu poeta,  
subindo e descendo as ladeiras de angústia  
de uma cidade que anseia pelo mar.

Dez horas da noite.

Meus pés,  
que já pisaram as ruínas de Yucatán  
e a medina de Marraquech,  
o cais de Amsterdã  
e o deserto de Alcácer-Quebir,  
chegam cansados à Union Square, no coração de  
San Francisco,  
e este chão morno coberto de pombos me acolhe  
como se eu pisasse a rua Lopes Chaves em noi-  
te de crimes.

Dez horas da noite.

A culpa do insofrido, onde está?  
Ali, Mário, põe a máscara!  
O rei de Tule jogou a taça ao mar,  
vendaval a levou, e hoje,  
troféu cravado na torre mais alta da Golden Gate,  
banhada em luar,  
ela anseia pelo Oriente onde, dizem, o sol reside.

Dez horas da noite.

Vem, Mário, vou mostrar-te San Francisco,  
cidade esculpida em bruma a oriente do Oriente,

onde a Primavera existe e se ergue do mar todo  
ano, ofertando presságios e desassossego,  
ladeira abaixo  
ladeira acima.

Aqui os corações são arrastados pelos bondes sapa-  
teando nos trilhos como o nosso dlem-dlem San-  
tana! ei-ô! rumo à Voluntários da Pátria ou às  
madrugadas arrepiadas de frio do largo de São  
Bento

mas aqui os bondes arrastam nossa aflição Powell  
St. acima, depois pelo Embarcadero até o Fisher-  
man's Wharf e por fim nos despejam na Ghi-  
rardelli Square,

de onde avistamos nossos sonhos,  
catedrais ancoradas no cais impossível,  
e a Primavera mais terrível  
cobre de flores nossos ombros pensos —  
arlequinal!  
comoção de nossas vidas!

2.

A noite agora não é mais criança.  
A cidade assolada em neblina acolhe os deuses da  
madrugada e nos vê passar.  
Não é nossa Londres das neblinas finas, onde as  
rolas da Normal esvoaçam entre os dedos da  
garoa,  
mas é a cidade que nos abrigou com sua Primavera

incandescente e guiou nossa vagabundagem por labirintos de espanto, numa noite iluminada pelo desespero de náufragos e rainhas exiladas.

Foi aqui,

naquele bar imundo da O'Farrell quase esquina com a Market, em meio ao cheiro azedo e oleoso de tantas noites mal-dormidas, depois da milésima cerveja, depois de esgotarmos todos os versos bem amados, que sabíamos de cor,

foi aqui,

naquele canto escuro que Allen Ginsberg *it's too long that I have been alone, it's too long* foi-se chegando irritado e implorou *come Poet, shut up & eat my word* e você o embalou no colo e depois sonhou que tinha vomitado a cidade de San Francisco no oceano azul;

Foi aqui

que Leadbelly, o negro desdentado, sentou-se à nossa mesa e nos ensinou a chorar em unísono com seu banjo prodigioso e você lhe ensinou os passos da dança que todos sabíamos e ele então, com outro brilho nos olhos, voltou a nos chamar irmãos e nos desejou alegria e você o abençoou.

Depois,

arrancamos de cada rua os fantasmas que ali se abrigavam e derrubamos todas as pedras que se acumularam no caminho

e as mãos sangradas e famintas finalmente descobrimos que San Francisco (Alexandria, você sabe, a Tebas impossível que nunca pudemos

pisar) é uma cidade viúva de segredos e os fantasmas que aí avistamos são os nossos próprios fantasmas, para sempre perdidos  
— como teu coração paulistano, Mário,  
que um dia você enterrou no Pátio do Colégio  
e ali estava, quente e vivo,  
entre as ruínas da O'Farrell quase esquina com a  
Market,  
dedilhando um blues sem esperança

— como tua língua,  
que você um dia guardou no alto do Ipiranga,  
para cantar a liberdade, saudade,  
mas esta já não foi possível encontrar mais, não.  
Por isso também nos perdemos e nos achamos,  
comoção de nossas vidas!

3.

Depois  
rolamos nosso sono em delírio, pelas ruas,  
e em nossos olhos ardia  
a lembrança daquilo que nenhum de nós sabia.  
Depois,  
diante do cais, em Lands End, os braços abertos  
em cruz,  
você gritou para o abismo em frente,  
ou sussurrou para as almas encolhidas de medo:  
— A noite vem do mar cheirando a cravo!  
E por um instante o baiano poeta Sosígenes bailou  
entre nós

naquela madrugada em San Francisco,  
mas logo regressou a seus castelos em Belmonte.  
No fundo das águas havia dragões e havia sereias  
e ao longe, e-eh-ô!, Boi Paciência e o Irmão Pequeno.  
Cada rua era um rio que o mar desenhara na terra  
e a lua enorme  
uma ânfora plantada na torre mais alta da Golden  
Gate.

— Garoa do meu São Paulo,  
garoa sai dos meus olhos!

E a garoa caía em San Francisco  
ou em Londres das neblinas finas.

Depois

rolamos nosso sono em delírio pela Mission St.,  
como um rio,  
de leste a oeste cruzamos toda a cidade,  
à procura do sol, guiados pelo cheiro do mar,  
mas o cheiro do mar nos levou para longe do mar.

— Água do meu Tietê,  
onde me queres levar?

Rio que entras pela terra  
e que me afastas do mar...

Nessas águas Boi Paciência se afogou,  
que o peito das águas tudo soverteu.  
Você queria um porto seguro na terra dos homens,  
por isso perguntava pela culpa do insofrido  
e suplicava: — Garoa, sai dos meus olhos!

Por isso  
você desceu ao léu da corrente do rio

e entrou na terra dos homens ao coro das quatro  
estações  
mas não me ensinou o caminho  
ou não aprendi a lição.  
Ao regressar, teus olhos eram só preguiça e mágoa,  
teus olhos bailavam no ar,  
o ar de mansa maresia dos mares de San Francisco,  
teus olhos bailavam no ar a grandeza de todas as  
glórias  
e teu coração entoava:  
— Estou pequeno, inútil,  
bicho da terra derrotado,  
e já nem sei se vale a pena  
cantar São Paulo na lida.

Você recusou a Paciência (Boi morto) e a esperança  
e em teus olhos as águas murmuravam hostis,  
levando as auroras represadas  
para o peito do sofrimento dos homens.  
Nem eram tantas essas águas, nem tamanhas.  
Era uma lágrima, apenas, uma lágrima  
das águas turvas do nosso Tietê, límpida  
lágrima em que brilhava um céu de chumbo,  
arlequinal!  
comoção de nossas vidas!

4.

Quatro horas da manhã.  
Caminhamos em silêncio pelo longo e frio corre-  
dor infinito da Powell St.

à espera do primeiro carro do subway que nos levará de volta a Berkeley e à Telegraph Avenue, onde a Revolução é um estado de espírito permanente e, qual Oroboros, do seu próprio tédio se alimenta, onde até o breakfast cheira a conspiração e onde os filhos dos hippies vendem penduricalhos & melancolia e aceitam credit card. Mas você sabe, Mário, São Paulo também sempre foi berço de revoluções.

Quatro horas da manhã.  
Deixamos para trás o cais e a noite negra  
e em nossos ouvidos ecoa o grito de Álvaro de Campos:

— Ó coisas navais!  
Meus velhos brinquedos de sonho!  
Componde fora de mim  
a minha vida interior!

Caminhamos em silêncio pela Powell St.  
e você começa a saltar pela calçada  
como se estivesse na avenida São João.  
De repente,  
o riso debochado  
que brota dos teus e dos meus lábios  
se espraia pelas ruas solitárias  
e divide a madrugada.

Antes você perguntava pela culpa do insofrido  
e se queixava:

— Miséria, dolo, ferida,  
isso é vida?

Agora teu coração secreto nos leva de volta  
ao dia claro de onde viemos.

Quatro horas da manhã.  
A maresia vem do cais distante  
e se espreme entre os prédios altos  
e arde cheia de aroma  
no céu pesado de chumbo  
— entre essas duas ondas plúmbeas de ca-  
sas plúmbeas,  
como você costumava dizer da rua de São Bento.  
Jamais  
madrugada tão sombria,  
jamais minha alma tão serena e vazia.

Quatro horas da manhã.  
Caminhamos em silêncio pela Powell St.  
e em algum lugar a Primavera nos aguarda  
com dez mil milhões de rosas paulistanas.

No ar,  
daquele banjo desdentado  
o som já desfeito em penumbra  
nos guia os passos  
e somos duas crianças  
balbuciando o rondó das tardanças.  
E como sabe que vai morrer  
daqui a um segundo  
daqui a um verso  
a noite mergulha em treva mais densa  
(vingança!)

e em nosso olhar o dia todo se ilumina  
em milhares de brilhos vidrilhos,  
arlequinal!  
comoção de nossas vidas!

## MAIS UM DIA

1.

Um tiro no escuro, louca  
disparada do carro a zunir  
dentro da noite, um  
piscar de olhos e a luz  
do novo dia ilumina  
a oficina do corpo,  
o mesmo  
corpo feito de alma nua,  
sangue e humores vários.  
Um novo dia igual aos dez mil  
novecentos e cinquenta  
já percorridos, gastos  
à mesa dos bares,  
a acumular nas retinas  
a imagem velha dos insetos  
que roem a carcaça do dia  
jogado na calçada,  
insetos  
assustados, à espera do bote,



guardado no fogo  
brando em que me afago  
há dez mil  
novecentos e cinquenta dias.

2.

Saio para as ruas,  
percorro as calçadas,  
me sento à mesa dos bares  
como se não fosse nada.  
E não é nada.

Baixa,  
a neblina cobre  
o dorso de bronze  
dos gafanhotos  
e o que sobra é este grito  
rompendo o escuro da noite  
que desce

e atira  
ao arquivo de crimes  
e esperanças este dia,  
mais um dia,

outro dia  
crivado de sílabas gastas,  
arrancadas do peito  
e da garganta  
repleta de vozes,  
um dia a mais,  
um dia a menos:  
quase nada.

3.

Trinta anos!

Seis livros,  
uma filha, um filho, a mulher  
que não mereço.  
E nos olhos  
o fulgor acumulado  
de exatamente dez mil  
novecentas e cinquenta  
auroras e poentes.

A pele mais grossa,  
os cabelos ralos,  
o humor, o mesmo,  
o coração que estala  
e espalha no teto  
a sua matilha de lobos  
e cansaço.

4.

Comi um pedaço de lua  
para sentir o gosto do veneno  
e agora arranco das veias  
um escaravelho  
e este gafanhoto azulado,  
que agita as patas  
e ergue as antenas,  
querendo tocar a lua

que flutua  
e cavalga o horizonte vermelho.  
Comi um pedaço de lua  
e não foi nada.  
Trint'anos, um segundo, um  
naco de horror ficou  
suspense  
entre os dentes  
e a língua lambe  
o fio de mel  
que escorre do retrato  
e se refaz  
e não termina.  
Ah, este naco de lua me alucina,  
me põe de joelhos.

Quem  
saltará no escuro, no meio  
do beco, para dizer enfim  
— nada, amor?

Ninguém  
jamais esconderá a coisa fria?  
Quem?

Ninguém virá  
enquanto não findar a agonia  
de outros dez mil  
novecentos e cinqüenta dias.

5.

Torci o pescoço do galo,  
que estrebuchou

na fímbria da manhã.  
A névoa da noite ficou  
na gola do casaco  
e o fraco peito  
não pôde resistir  
aos golpes de aço  
do dia  
escorrido na vidraça.  
Não me arrependo de nada,  
só me arrependo de tudo  
o que não fiz  
e esperei que acontecesse,  
naturalmente,  
sabendo que naturalmente  
não podia acontecer.  
Comi os cornos da lua,  
triturei os grãos do Minotauro  
e berrei a cantiga secreta  
que me levou aos subterrâneos  
do labirinto de Creta.  
Corri feito doido,  
arranhei paredes,  
fendi  
armários indevassáveis  
e me perdi,  
como perdido estava  
já no primeiro  
destes dez mil  
novecentos e cinqüenta dias.

Agarrei-o pelas aspas

e arranquei os olhos  
ao Minotauro sombrio,  
até ver que não era  
o Senhor do Labirinto,  
mas o touro imundo  
que rege esta cavalgada inútil  
de vozes que desfecham pedradas  
contra a janela que dá  
para as ruas perdidas.

Trinta anos  
e só fiz encontrar  
por trás do labirinto  
o labirinto do labirinto.  
(Ainda te apanho, Mino-  
tauro idiota!) Trinta  
anos, um segundo,  
quase nada.

Mal  
tive tempo  
de ouvir o vento,  
espanar o pó  
e decidir  
recomeçar tudo de novo.

6.

Sei que tudo já foi dito,  
e melhor, tantas vezes.  
Mas é minha vez

de dizer mal-  
dito e recomeçar.

Dizer o quê?

Que estou aqui à mercê  
de sonhos e acessos?

Que estou aqui  
estourando o limite  
de um frágil motor  
de trinta cavalos

(dez mil

novecentas e cinqüenta  
rotações por segundo)  
e que não tenho asas.

Mas vou comer  
mais um naco de lua,  
vou raspar as estrelas  
e mergulhar nas águas  
para devorar as costelas  
do Centauro,

que naufragou

e me desafia  
com olhos de medusa  
entre algas

e esperança.

Aliás, quase nenhuma.  
E é quanto basta  
para estar aqui  
arrancando as vísceras  
da tarde — a tarde deste

e de outros dez mil  
novecentos e cinquenta dias.

Quando findar a tarefa  
de me roer as entranhas,  
a noite virá derramar  
seu óleo espesso  
pelas paredes do quarto,  
pela terra nua.  
Um ponto de luz, perdido,  
se extinguirá na poeira  
da calçada, logo adiante,  
à beira da mesa vazia,  
e eu me direi: — Viu?  
Não era nada!

Melhor  
dormir, esqueça! Amanhã  
é mais um dia.





CÍRCULO  
IMPERFEITO

(1978)

*para* Margarida

The things which I have seen  
I now can see no more.

WORDSWORTH

## NATURAL

### CARREGO AS ESTAÇÕES

Carrego as estações comigo  
e tenho as mãos cansadas.  
(No bolso esquerdo um riacho murmura.)  
Ali, onde pequenas pedras se acumulam,  
uma canção exala seu vapor,  
depois se perde.

Jardins de primavera circulam no meu corpo,  
um céu de ouro verte seu perfume  
e um vento ignorado agita suas asas.  
Pasto de segredos,  
mescla de memória e desejo,  
meu corpo caminha com a chuva  
(carrego as estações comigo),  
à procura do sonho de uma nuvem fria.

Tantas folhas trago nos braços  
que um pássaro, solidário, se oferece  
para carregar as estações comigo.  
Do peito aberto os meus jardins se vão  
e o pássaro me ajuda (memória  
e desejo) a semear meu corpo.

Ali planto meus braços,  
debaixo daquelas árvores meus olhos ficam,  
os pés, roídos pela terra, penduro numa árvore  
e o tronco multiplico em cem pedaços  
— lá vai, junto com as pedras,  
no bojo do riacho antigo.

E pois que carrego as estações comigo,  
os lábios deixo além, no descampado,  
e peço ao pássaro que pelos cabelos atire  
o que sobrou de mim  
àquele mar onde me espera a memória  
(e o desejo) do tempo em que não soube  
carregar as estações comigo.

### FOLHA SOBRE FOLHA

Folha sobre folha  
verde sobre cinza sobre folha  
vento sobre folha  
lento pobre manto cobre tanta  
folha sobre folha.

O tempo se acumula,  
quando sobre nunca,  
até que o passado ressurja inteiro,  
coberto de folhas,  
memória liberta de si mesma.

## ESTA MANHÃ

Esta manhã deitou raízes em minha alma.  
Meu coração é um dia claro como a neve.  
Além, o sol começa a despontar, inútil,  
e o vento agita sobre o rio as derradeiras  
folhas. Esta manhã deitou raízes.

Esta manhã deitou raízes e se foi.  
O verde manto, agora pela neve oculto,  
flutua no ar vazio e vem pousar  
no fundo dos meus olhos. Lá fora,  
a neve continua.

No leito do rio,  
o vento dança a mesma dança, enquanto  
no ar passeia a mesma inútil melodia.  
Em meu coração, sempre dia  
(esta manhã deitou raízes) começa  
a brotar a flor de ignorada alegria.

## PÁLIDO LAGO

O pálido lago morto esconde  
a luz de outras águas, luz tamanha,  
o dia dobrado ao meio, a afagar  
a noite que lhe rói as entranhas.

Claro dia, lago morto:  
quando serás rio,  
água lustral de outro dia?

## UM PEIXE DESLIZA

Um peixe desliza na transparência das águas.  
O peixe transparente desliza  
diluído no próprio contorno,  
mistério de luzes  
no acaso de um ponto errante no espaço.

Peixe?

A transparência em torno,  
existindo translúcida,  
como num sonho.

## O SOL QUANDO

O sol quando amanhece  
lembra o dia que esquece  
a noite dentro do dia  
quando anoitece: brilho  
errante quando a noite  
dentro da noite adormece.

O sol quando escurece  
lembra a noite que devora  
o dia que devora a noite:  
um dia tudo será repouso  
no horizonte guardado  
pelo sol que não aquece.

## CAMINHO PELOS CAMPOS

*para Hualing Nieh & Paul Engle*

Caminho pelos campos e alamedas,  
converso com as árvores,  
tento ensinar-lhes liberdade.  
Por que não brotam pássaros  
de seus ramos?

Cada folha  
uma labareda alada  
a incendiar o espaço em meu redor.

Caminho por corredores e avenidas,  
agito chamas em meus dedos.  
Caminho pelos meandros do outono,  
a rosa-dos-ventos me guia:  
norte-sul-passado-labirinto.  
Meu verão vou plantar naquele  
rio solitário (frio solidário).

Caminho pelo rio de palavras  
que correm com o sangue  
de uma cidade que flutua pelos ares.  
Caminho pelas alamedas do medo  
e as árvores, aprisionadas à terra antiga,  
me ensinam liberdade: caminho.

## ÁRVORE

1.

Cotidianas árvores,  
uma a uma alinhadas  
disciplinadamente,  
ao longo ao longo ao longo.

Procuro soletrar  
as palavras (são tantas!),  
uma a uma gravadas  
em ramos galhos folhas.

No entanto, me perco  
(remoto abecedário).  
Como catalogar  
idioma tão avaro?

Lá estão as palavras,  
disciplinadamente  
à espera de quem possa,  
humilde, soletrá-las.

Brilham, saltam, se escondem  
— cotidianas letras.  
Lá está, quedo e vário,  
todo canto possível.

Proferi-lo, quem há de?  
Nem mesmo o canto rude,

quase mudo, pausado,  
me será concedido?

2.

Antes disciplinadas,  
uma a uma, essas árvores  
súbito se rebelam  
e inscrevem no ar

o novo desalinho  
(será vocabulário?),  
tão indisciplinada-  
mente quanto ordenadas

eram as vozes de antes  
(quem houve?). E já então  
facilmente soletro,  
letra por letra, sílaba

por sílaba, essa mesma  
rarefeita palavra,  
rara e cotidiana:  
árvore apenas árvore.

O alfabeto se esvai  
e quase nem chegou  
a ser. E essas árvores,  
letra por letra, ao longe,

se amontoam e já  
não lembram mais aquelas  
tão remotas (quem há de?)  
cotidianas árvores.

## NATURAL

Entre livro e cavalo o homem instalou  
duas escadarias e uma bússola.

JORGE DE LIMA

Choupos & álamos eu vi um dia,  
paisagem desfolhada como um livro  
ciprestes e carvalhos e esquilos  
e sempre a mesma neve nos jardins  
onde outrora crisântemos e dâlias  
(alheia primavera, a mais cruel  
das estações!) geravam o futuro  
no escuro de outras cores, mel passado.

Choupos eu vi & álamos um dia  
em que meu coração, umedecido  
pelo orvalho comum, ali pulsava  
entre as páginas do livro que eu lia.  
Até me arderem os olhos caeiros,  
eu folheava a flor que me espreitava  
e me seguia, no meio da noite  
escura do livro que eu consumia.

Choupos & álamos um dia eu vi  
num campo de memórias onde pássaros  
e cavalos indomados havia,  
migrando do meu peito para as páginas  
do livro antigo que eu desconhecia  
— cavalos emplumados, coloridas  
aves perdidas entre as açucenas.

Um dia choupos & álamos eu vi,  
descoloridos na gravura antiga.  
Meus passos percorreram lentamente  
o mesmo estrangeiro caminho, folha  
por folha, até que o livro se cerrou  
e a madrugada em minha mão plantou  
a flor da terra que eu desconhecia,  
do livro que eu tinha folheado um dia.



para saudar, no horizonte,  
a úmida manhã que principia.

## DÁDIVA DEVOLVIDA

Birds in the Crescent trees were singing.

DYLAN THOMAS

O céu, de tanto o contemplar,  
já se desprende de seus laços  
e vem, menino, se abrigar  
no vão inútil de meus braços.

Ah, um só instante bastara  
(de amor?) para que minha história,  
velha paisagem, se mudara  
em puro canto, só memória.

E minha voz, que não entendo,  
a mim me fala e quase nada  
do que me fala compreendo,  
apenas rio ponte estrada.

Da boca um pássaro me voa,  
no gesto uma nuvem passagem  
pede e o mundo se despoeva  
de mim para outra paisagem.

Onde a memória? Onde o canto?  
Onde o bando de aves que um dia

voou em meu céu? E o encanto  
que habitou esta alma vazia?

O céu já se vai de meus dedos,  
a paisagem torna a seu pouso.  
Os olhos contemplam segredos  
que tentar decifrar não ousou.

Fatigado, agora caminho  
a mesma estrada rio ponte.  
Um pássaro canta sozinho  
e risca de azul o horizonte.

O céu, de tanto o contemplar,  
eis se recolhe aos velhos laços  
e, à força de tanto o chamar,  
se me cerram os olhos baços.



Agora que não vejo, vejo  
tudo o que o céu me ofereceu:  
satisfazer o meu desejo,  
perder o que ninguém me deu.

## VÍCIO

Em minhas mãos  
estas paredes ardem.  
Não são retratos nas paredes,

não são remorsos  
em minhas mãos.  
(A mesma casa?  
O corredor vazio?  
O quarto imenso  
em minhas mãos?)  
Estas paredes ardem.

Não é o desejo impuro  
ou o amor saciado  
(sequer desejado)  
esvaído em chamas  
no alto de um muro.  
É o vício lento, implacável,  
da memória,  
óleo espesso  
a escorrer  
pelas paredes do sono  
que o fogo devora  
em minhas mãos.

Vitória e cansaço,  
a lembrança impossível  
e o medo extinto,  
as paredes, a casa, estas palavras:  
tudo a mesma combustão  
em minhas mãos.

Estas palavras ardem em minhas mãos.



## NÃO SEI

Não sei as palavras,  
não sei minha voz  
que sons pedirá —  
coração mais lento que o mundo.

Quem pôs em minhas mãos  
estas pedras frias,  
este barro, este sol —  
a lembrança de qualquer alegria?

Não sei teu segredo,  
não sei se o tens —  
teu silêncio, teu rosto,  
teus olhos tamanhos.

Meu coração de pedra  
ressoa num labirinto.  
És uma praia deserta,  
mundo mais fundo e mais frágil que eu.

Sei que canto o dia breve,  
o dia e a noite também.  
Até que este canto me leve,  
eu canto eu canto ninguém.

Sei que amei, sempreamei, e vejo  
que, de amar, tenho hoje o coração  
endurecido.

## CORAÇÃO ENDURECIDO (II)

Porém meu coração endurecido  
não duvidou mil vezes ser culpado.

MARQUESA DE ALORNA

Se eu pudesse dizer,  
se eu pudesse deixar de perguntar  
o que pode o amor  
contra a fúria de amar,

se eu pudesse impedir  
que a noite chegasse,  
se este dia azul,  
se minhas mãos pudessem:

do fundo do coração endurecido  
talvez brotasse a palavra alada que dorme  
em mim e voasse

liberta  
para te dizer (se eu pudesse).

## NÃO ERAS MAIS

*para Rodrigo (1969-1975)*

Não eras mais que um sorriso  
e o ar que serenava quando te movias.  
Tomo tuas mãos em minhas mãos  
e peço que me ensines esse ar, o sorriso,  
a serenidade que desconhecias.

Mas tu não dizes mais que o teu sorriso  
e o claro olhar, irmão das águas.  
Tomo teu corpo em minhas mãos,  
raio de sol, e tenho em meus olhos  
a mágoa de todas as mágoas.

Vagueio meu olhar além dos montes  
(murmúrio de pássaros entretidos) e te diviso,  
brilho liberto de todas as sombras,  
a ensinar aos pássaros, como me ensinaste,  
o teu sorriso.

## ENTRE-SONHO

*lô! Que je voy de roses!*

RONSARD

Rosas murchas entre rosas murchas  
vozes entre tantas outras (mundo  
entretanto nada) entrefechado sonho.

## PESSOAL

### MADRUGADA

Na serra da Borborema  
toda saudade é minha.  
Plantei meu poema  
na praia da Camboinha.

Aqui em Cabo Branco  
estou mais perto do Oriente.  
(Amor é feito de espanto,  
não espera, corta rente.)

Que é que faço desta espuma,  
aqui em serra Talhada?  
(Falso mar, praia nenhuma.)  
Que é que faço? Faço nada.

Cabo Branco, Borborema,  
Camboinha mais Talhada:  
como fica meu poema?  
Fica não. É madrugada.

## ENREDO

Capibaribe não é um rio.  
Capibaribe, enredo musical.  
Melodia, Manuel Bandeira.  
Texto e coreografia, João Cabral.

## PERGUNTA

*para Jerusa*

O que mais vale,  
a poesia ou a vida?  
Cidade iluminada  
ou beleza dividida?

Na Paulicéia des-  
vairada, sem razão,  
cantar o pôr-do-sol  
já é consolação.

Antes, ensolação:  
o sol do teu canto,  
que vermelho se põe,  
não é canto, mas pranto,

e te perguntará  
(rubro, medonho),  
um dia: o que mais vale,  
a vida ou o sonho?

E o teu canto,  
com sol/ação dirá:  
tendo poesia, vida  
não me faltará.

(Se te sobrar, amiga,  
um pouco da benfazeja,  
separa pra mim, vai,  
um raminho que seja.)

## LIBERDADE

*para Luís Amaro*

Aqui sonhei a liberdade  
saudade  
cantei a cantiga  
mendiga  
bebi o clarão da lua  
na rua  
vi o mar cheio de medo  
segredo  
apascentar caravelas  
estrelas  
vi a noite azul de espanto  
encanto  
agasalhar Madragoa  
Lisboa  
e com dedos de fada

amada  
plantar no vão do meu peito  
desfeito  
a rubra flor da liberdade  
saudade.

### ALFAMA & AL

Andam bocas pelas ruas mastigando  
restos de jardins cansados pelas bocas  
andam ruas pisadas pelos cravos andam  
bocas mastigadas onde andam nuas:  
para onde/quando as largas avenidas?

Andam ventres pelo vento arremessados  
a procurar onde andam as ondas,  
medo de quê? O triturado desejo:  
engolir até as sombras o próprio pejo.

### NOITE CLARA

Na noite mais clara que o claro dia  
um nome repito que ao longe ecoa:  
Maria Clara, clara Maria,  
o nome que ronda Lisboa.

Pela avenida da Liberdade  
as luzes se acendem em romaria,

como em Cesário, como em teus olhos  
livres, Maria Clara, clara Maria.

No vale escuro das muralhas  
se esconde a flor que teu povo sonhara,  
a flor que, como o teu nome, tem a mesma  
luminosidade maria, Maria Clara.

Sombras, bulício, o Tejo, a maresia?  
Lisboa não se cansa, é uma criança  
a escrever no ar, muito clara (luz  
do teu nome) a palavra esperança.

### CANÇÃO DO EXÍLIO

Minha terra tem palmeiras  
onde cantava o Gonçalves,  
dias antes do naufrágio.  
Mas o oceano bebeu tudo,  
sabiá palmeiras canto,  
(nossos mares têm Gonçalves)  
e eu aqui fiquei sozinho,  
sem terra (sabiá), cem dias,  
não aqueles do Gonçalves,  
mas os meus, que ele contar  
não contava, só cantava,  
pendurado nas palmeiras.

Em cismar sozinho à noite,  
mais prazer encontro eu cá,

pois descobri que cismar  
sozinho é bem melhor  
que cismar acompanhado.  
Cismo de dia ou de noite,  
prazer encontro em cismar  
o Tejo e o mar. O que cismo?  
Sei lá! (Sei cá?) Sei que é  
contrário ao que cismaria  
aqui, se não estivesse  
cogitando no acolá.

Minha terra tem primores,  
hão de ser frutos mui raros.  
Gonçalves, guarde um pra mim!  
Vou ver se também naufrago  
no litoral do... Onde mesmo?  
Minha terra tem poetas  
sensíveis como o Gonçalves,  
o Alves, o Casimiro  
e até o Manu Bandeira,  
que passam a vida inteira  
ensinando à sua gente:

— Nossa terra tem poetas,  
ah, muito sentimentais.  
Fazem versos comovidos,  
pois a um sabiá (andorinha?)  
ouviram cantar, não sei onde,  
um não sei quê (ah!), que vem  
não sei como e dói não sei  
por que. Mas espere lá!

Estes versos são de cá!  
De cá? De quem? Esqueci...  
Minha terra tem poetas,  
memória rimas profetas.

Não permita Deus que eu morra,  
pedia o Gonçalves tristonho,  
que queria ser eterno  
pra sofrer eternamente  
a saudade da palmeira,  
do primor, do sabiá.  
Não que eu deseje o contrário  
(morro até sem permissão),  
mas o que eu queria mesmo  
era voltar carregado  
de todo, todo este amor  
que só por cá descobri.

Minha terra tem palmeiras  
onde cantava (ainda canta?)  
o Gonçalves, noite e dia.  
Já eu por mim quisera  
que os meus pobres dias fossem  
tão gonçalvos quanto os dele,  
pra compor uma tenção:  
— Ai dá-me cá, ai toma lá,  
a palmeira, o sabiá.  
Minha terraterramada,  
o Gonçalves tem razão:  
(do) exílio uma (só) canção.



# URNA DIURNA

(1974)

*para* Floriano Martins

## NOVE POEMAS DE COMBATE

### BATALHA INTRADUZÍVEL

1.

Sei de cor belos poemas de amor  
jamais escritos;  
sei de cor os mais belos poemas,  
cravados no meu peito  
como num túmulo magnífico.  
Os mais belos poemas de amor  
jamais serão escritos.  
O mais belo poema de amor  
pulsa no meu sangue,  
como um grito,  
cercado de luas e pedras rutilantes.

2.

Cidadela inexpugnável de teus olhos,  
mansa paisagem que percorro  
pelo lado de dentro:  
estás inteira à minha frente.  
Teu corpo,  
carne que é flor desconhecida,  
passeia no ar,

enquanto  
a aurora do país da bruma  
assombra a noite do teu sonho.

3.

Trouxe para ti uma rosa de espuma,  
o mar ignorado e a solidão nenhuma.  
Os frutos da terra nascem no espaço  
e a inocência é feita de cansaço:  
gesto lançado contra a foz  
desamparada

do teu rosto.

A inocência é feita de palavras,  
nuvem que explodiu  
ao pé dos teus desejos,  
sol posto.

4.

As mãos percorrem teu corpo  
e o mundo levemente oscila.  
Fiz de ti o que não pude:  
corça abandonada, solidão  
azul, sonho desgovernado,  
no ar erguido como o dia rubro.  
(O mais belo poema de amor  
percorre o espaço tumultuado.)  
Fiz de ti um pássaro selvagem

e o mais belo poema de amor  
foi-se aninhar em tuas mãos  
ardendo. Fiz de ti um animal  
melodioso: o mais belo poema,  
depois multiplicado  
no bando multicolor de naus  
que singram os ares,  
em busca do Reino prometido.

5.

O mais belo poema sei de cor  
o amor que fiz de ti o meu  
amor mulher marfim  
no mar da bruma o mar amor  
aquele Reino desconhecido.

### TRANSFORMA-SE O AMADOR

Leio teus olhos. — Digo, minto?  
Perguntas sorrindo ou escondes  
o que não leio nem sinto.  
Teus olhos, por que não respondes?

Ou sinto? Não digo, e pergunto:  
— Teus olhos, são quantos olhares?  
E logo nós dois rimos juntos,  
memórias de não perguntares.

Ou quando perguntas respondes?  
Não aquilo que perguntaste,  
mas o segredo que escondes,  
sem saber que o adivinhaste.

Penso: não sei. Mas sei-o bem.  
Quando respondes, perguntas.  
A verdade que sabes bem?  
Essa e a escondida, mas juntas.

O que és e o que não sabes, mentes.  
Mentes porque sim, porque não.  
E então descubro, de repente,  
que mostras o teu coração.

Teus olhos? Histórias distantes.  
Para lê-los, invento um rosto,  
que percorro e que sinto. Ou, antes,  
que descubro atrás do teu rosto.

Olho tuas mãos, para que vença  
a pena de não encontrar.  
Mas encontro. As duas que pensas  
ser? Não, uma, no meu olhar.

## HISTÓRIA

Quanto amei, amou em mim.  
Quanto vi, perdi por ver.



teus passos  
que outras cidades pisam?  
O tempo que te fez longínqua  
o mesmo tempo  
flui de meus olhos  
como se palavras  
à minha frente cativas  
como se canção  
a vibrar na pele das árvores  
como se meus braços  
a te chamar pelas ruas.

Mal-sim? Mal-não?  
MAL-SIM? MAL-NÃO?

Vejo-te agora  
como sempre vi.  
Sento-me à beira do mar  
e os pássaros fogem comigo.  
(Que distância interrogam  
os olhos que em mim deténs?)

À beira do mar me perco  
à beira do mar te procuro  
de porto nenhum me acerco  
quando este vôo imaturo.  
À beira do mar tudo esqueço.

E agora as imagens são tantas  
as imagens que partem são tantas  
que partem no dorso do vento:  
como saber aonde vou?

Estátua vejo-te agora de nuvem.  
Os sonhos que te formam  
quem de sonhar os deixou?  
Agora vejo-te (como sempre vi?):  
o olhar vadio  
    e pássaros  
em teu redor. Mal-não.

### CAIS TRANSPARENTE

Teus olhos brincam de amor.  
Poeira de brilho antigo volteia  
e paira e foge e espreita além:  
    o teu olhar.  
Pudesse teu sorriso me encontrar!

Teus olhos brincam de amar  
no limiar do dia apaziguado  
em minhas mãos.  
É teu este vermelho girassol,  
despojo da batalha que venci.  
Pudesse teu sorriso me encontrar!

Teu corpo, ah! teu corpo!  
Esse cais transparente  
onde a noite vai  
seu barco de nuvens ancorar.



Esse dia pleno de avisos e medo,  
oculto na roupa que despi.  
A noite flutua no ar  
sozinha.

E por saber-te distante  
fez-se o quê? Lembrança?  
Nuvem perdida, lentidão, rainha.

### PAÍS DA BRUMA

Vejo nos ares um país de bruma  
e quanto vejo logo são pássaros,  
nuvens, brilho intermitente.  
Súbito, alheio sol hesitante,  
tudo reflui ao país da bruma.  
(Quem guardará a rosa desse instante?)

E vejo além do mar um outro mar,  
por trás do horizonte.  
O outro mar é um gesto azul  
sobre a paisagem. Não é senão  
o sopro de minha alma, inflando  
esta paisagem pelos ares.

Planície e montanha em rubro circulam,  
as mãos recortam o espaço  
onde flores nascem e barcos inúteis.  
É isto o meu sangue? É este o meu sonho?  
E meus olhos, quem os veio arrancar  
e enterrar aí tão fundo no mar?

Vejo distante uma terra de espuma.  
Não é o país da bruma, uma rosa o guardou.  
Os olhos fitam a paisagem nenhuma  
onde ervas crescem, como num túmulo.  
Por que tudo o que vejo vi outrora?

## INCÊNDIO

O destino, arder.  
Escravo obscuro de alheio culto,  
tua missão, arder.  
A despeito da voz que rompe o escuro  
e indefesa oscila:  
arder arder arder.

Até o mar  
em naufragos e ventos  
arde.

As folhas dançam,  
as ondas repetem o mesmo rito,  
a sombra não resiste às chamas  
e a memória carbonizada arqueja.

Até o corpo,  
engrenagem de olhos e músculos,  
sexo e tudo, posto que ame,  
arde arde arde.

Arde também o espaço  
onde haveria o gesto  
contudo insinuado

e o hálito incendeia  
os cavalos que fogem  
para o meio da noite.

A despeito do amor  
a despeito da árvore  
a despeito da súbita crispação  
que me impeliu para longe de tudo  
    (a vontade de gritar  
    crepita em chamas  
    na garganta)  
teu destino: arder  
até a consumação: arder  
até o branco explodir:  
arder arder arder.

## DEZ POEMAS COM SEGREDO OU NÃO

### SORRISO

Quisera-te sempre isto:  
sorriso inocente  
(vertigem Cabala sonho  
acorrentado) a espreitar  
a maquinação do poema.

### TRÊS QUADRAS

La bibliothèqu est en feu.

RENÉ CHAR

Amor pulverizado,  
os livros em chamas,  
as mãos ardendo:  
por que não amas?

Teu corpo, que é?  
Grande lago sorrindo.  
Teu sorriso, que é?  
Grito escondido ainda.

Perguntas, perguntas.  
Mas nada justifica, nada,  
perder o meu, o nosso tempo  
com estas quebradas quadras.

### ANTEMANHÃ

A poucos passos do sonho  
o esqueleto não ousa  
aproximar-se do espelho  
em que se sonha:  
sólida armação de carne  
revestida de ossos frios.

Em seu interior, medula  
afortunada, uma a uma  
se recolhem as velhas sombras.  
Quem o sonha ou quem  
o vive? Quem o ampara  
em sua levitação de asa,  
corpo inútil em pleno vôo?

Fruto maduro sem polpa,  
carne de outros ossos,  
um esqueleto caminha  
dentro do sonho em que é nuvem,  
poeira perdida no ar da manhã que surge.

## SEGREDO

A árvore  
no fundo do mar.  
Seu segredo  
a água que furta  
do espaço inerte em seu redor.  
A água é tudo no fundo do mar.  
(Um porto de brancura  
esconde a geografia  
que preside à calmaria.)  
Meus desejos,  
que são?  
Notícia que vem de perto?  
Amor que não vem de longe?  
Desvario, rumo incerto,  
ou certo ou muito longe?  
Nada, nenhum,  
a não ser um grito  
e o segredo se esquiva  
e o espaço é todo mudado  
num bando de folhas  
e melancolia.

## DIA FINDO

Hoje o dia amanheceu  
silencioso como em sonho.  
Quantos dias eu perdi  
para ter um dia assim?

Todo armado de segredos  
hoje enfrento cabisbaixo  
o carro do horizonte  
que fará de mim sol-posto.

Posto aqui ou posto além,  
que claro sol repetiria  
o dia logo amanhecido  
entre as dobras do sono?

Sonho fui ou sonho vim,  
cumpri o dia e fiz-me dia,  
melodia noite e dia,  
noite nunca paz noturna:

aquele sonho, o dia findo.

### DESMAIO DE ABRIL

O desmaio começou:  
balaústre cabal lacustre.  
Onde vai dar este enxame de  
(teu corpo surge  
e me ocupa as mãos)  
este enxame de (ah teu corpo!)  
luas pastos segredos?  
Uma pequena lâmina  
corta o ponto mais alto  
de minha atenção.

Agora tenho todo o enxame na  
palma de minha mão.

(Até as rimas sorriem  
para teu corpo claro,  
nítido como um barco.)

Amor, por que miséria  
no teu céu de abril desmaio?

#### PERDA DA MEMÓRIA

Tivesses um nome  
te chamaria estrela.  
Estrela, não: assombro.  
Ou nem isso, mas  
um bando de pássaros  
que me pousam no ombro.  
Mas já não é teu nome,  
nem sei que seria.

Quanto pedes em troca  
(são dez pedras, apenas,  
para erguer um gesto)  
em troca de quê? O quê?

Os fusos horários  
repetem confusos  
os dias que perco

a gritar teu nome,  
cravado como uma lápide  
no meu braço esquerdo.

### PEDRA DA MEMÓRIA

Teu riso apedrejou meu canto.  
Por isso aprendi a falar  
a linguagem que não compreendes.  
Agora sorrisos? Agora  
sei de que falava: teu riso,  
pequenas pedras, lisas como nuvens,  
que tenho na lembrança.  
Lembrança de um quadro que perdi.  
Ganhei? Não quis?  
Como saber o que fiz ou não fiz?  
Mas tu sabes  
que a noite apascenta rebanhos de mágoas,  
a noite apascenta (mágoas de antanho)  
teu corpo violento.

### OLHO DA NOITE

O céu desabou sobre meu peito,  
um céu cortado de rios, savanas, desvarios,  
até que anoiteceu  
e a alegria desse corpo brilhando

abriu um dia mais claro que o Dia  
no grande olho da noite  
que enlouqueceu.

### PEDRO-SEM

À beira da estrada, além,  
uma estalagem havia.  
À beira do portal, ninguém,  
uma inscrição eu lia:

*Au lion d'or.*

Lembra a nau de Pedro-Sem  
ancorada no ar. A roda  
gira, do portal quem vem?  
A mesma inscrição eu lia:

*Au lit on dort.*

Eu lia, a estrada revém.  
E, da nau que se erguia,  
a voz de Pedro-Sem  
já não diz, mas dizia:

*Ô lys de la mort!*

## TRÊS POEMAS ESTRANGEIROS

### NEVE

*para Willis Barnstone & Jack Weiner*

Espreita-me à janela dos sonhos repetidos  
a história misteriosa dos desejos confundidos.

O fogo nebuloso disperso nesse branco  
nasce dos meus olhos ou daquele encanto?

Nada alguém nenhum. O sonho acalentado errou  
e o já sonhado se confunde com aquele que sonhou.

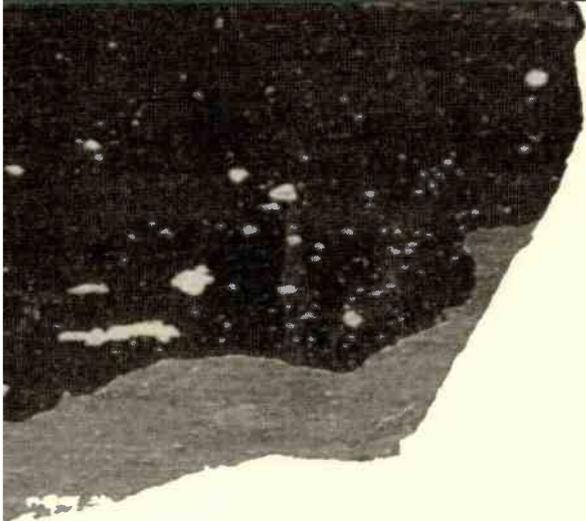
Neve, alheia paisagem que interrogo em vão,  
que olhares guardaste para ofertar-me ao coração?

Quem me espreita ou quem me guia nesse branco?  
A flor azul, perdida há tanto tempo? Quanto?

Neve distante onde me vejo, vejo-me quem estou aqui  
ou vêem-me além os sonhos adormecidos em ti?

Alguém nada ninguém. A música mal lembrada,  
sombra leve, não é minha, foge no ar: aroma, nada.





CARTA  
DE MAREAR  
(1966)

A arte de navegar se divide commumente em duas partes, huma scientifica, outra experimental: a primeira trata das regras, e instrumentos, para observar a altura do Polo, e a variação das Agulhas, da fabrica, e uso da Carta de Marear, e cousas semelhantes; na segunda se ensinão as derrotas, que se hão de seguir, para navegar de hum lugar a outro; mas como esta parte he só fundada na experiencia, e observação dos Pilotos, e nem sempre as nações, que florecem na navegação, concordarão nas mesmas notícias, daqui nasce huma grande difficuldade de escrever nesta matéria com exacção.

Arte de Navegar

MANOEL PIMENTEL

MDCCCLXVII

Se queremos nauegar per circulo mayor necessario he saber-  
mos a mudãça q fazem os angulos da posição dos logares pera  
conforme a isso mudarmos a rota.

Tratado em Defensam da Carta de Marear

PERO NUNES

MDXXXVII

## VIAGEM

Eu olho o mar  
e vejo a noite como um touro bravo  
no cimo longínquo dos montes,  
a noite de onde tudo vem,  
o fantasma e o silêncio, o frio e a lembrança,  
planície deserta onde fui outrora,  
e do mais antigo de mim uma voz arquejante per-  
gunta,  
o mar espuma,  
as vagas se desdobram, uma a uma,  
cobrem e recobrem meu coração aberto aos qua-  
tro ventos na distância.

Eu olho o mar  
e ouço a pulsação das águas como numa urna onde  
reboa  
o canto perdido da noite, enorme e alheio,  
e tudo isso sou eu.  
Depois  
é o silêncio mais puro crescendo em meus ouvidos.

Enigma final em que me vejo,  
sequer um só dos meus desejos  
encontrou abrigo na mansão dos ventos.

(Ergue-te, forma obscura, e contempla  
o mundo entregue aos teus cuidados.  
A fúria que cresce das águas se alastra em teu corpo  
e diz que o desconhecido é o único rei das vontades  
selvagens.

Enfrenta o mistério que se dissimula à tua frente  
no vórtice das águas,  
cobre teu rosto com as mãos em concha e ouve o  
apelo do abismo no mais fundo de ti mesmo.  
Despe-te do ritmo ancestral que te mantinha à flor  
das águas  
e afaga, solitário, o pássaro de lava oculto no teu  
sangue.)

Eu olho o mar  
e ouço um atropelo de vozes no cais distante.  
As mãos que me seguiram no caminho  
aguardam-me na curva do horizonte.  
Que vozes circulam no apelo das ondas?  
Que multidão de gestos se avizinha com a maré  
montante?

São quatro cavalos de fogo  
são quatro cavalos fustigando  
a face do horizonte próximo  
são quatro cavalos em fúria  
são quatro cavalos perdidos  
no espaço que brota de suas narinas  
e rompe a manhã como foles imensos.  
Os olhos são lagos de lava,  
são quatro cavalos de fogo.  
Um dorso de bronze cresce  
e um pássaro ruflando as asas  
nasce de suas crinas.  
São quatro cavalos alados,  
fornalhas do dia que explode

e rompe os tambores da terra  
ao ritmo do amor em fúria.  
São quatro cavalos de fogo  
esculpidos no espaço que abriram,  
são quatro cavalos retidos  
no instante em que o sol  
se derrama de suas narinas  
e cobre o mundo visível,  
auréola negra.

Eu olho o mar  
e vejo a voragem de sempre na coreografia das  
praias.  
O meu hoje e o meu ontem  
o meu dia e a minha noite  
toda a minha vida:  
doida escuna a devorar a carne que recobre o meu  
destino.  
Eu olho o mar  
e antevejo o dia que devora o coração da noite,  
meu sangue alimentando o curso vão das águas.  
Eu olho o mar  
e enfrento a vertigem da memória:  
cordilheira de espuma  
areia  
frágil hidra modulando, breve,  
o tempo que de outro tempo flui,  
à deriva, no oitante de meus olhos.

A viagem que eu não fiz  
alguém fará por mim um dia,

no meio da noite, à flor das águas,  
no acaso de um nome pronunciado à revelia.  
Lembrança de rumo ignorado  
ou morto ao claro sol,  
incerto passar de nuvens me pouso nos ombros,  
tempo retido no gesto que me vem de não sei onde,  
e eu levemente oscilo entre o mar e a partida.

Sal e iodo!  
O gosto áspero do mar em meus lábios  
e esta cavalgada inflando a face inquieta dos velames!  
Passado é só o fôlego do dia  
que penetra o amplo de meus olhos,  
agita este feixe de nervos e ossos,  
e o sono vem-se depositar  
vencido  
a meus pés.  
Mas nada disso refaz a memória do mundo  
abrigado em meu peito,  
a vibração obscura da carne e do sonho,  
crescendo na confluência do amor.

Eu olho o mar  
e vejo os marinheiros que inventaram naus e cor-  
doalhas e quilhas e maromas e desbravam a face  
do abismo.  
Âncoras partidas,  
proas devastadas pela espuma,  
seu ritmo acertaram pelo ritmo das águas  
e tudo isso pulsa no meu sangue como pulsa o meu  
destino

e aponta para o norte do meu ser.  
Eu olho o mar  
e vejo os marinheiros que perderam quanto acharam  
e só deixaram  
enigma e salsugem e sal e mareagem  
e vento  
o vento que impulsiona o sonho desta nítida viagem.

Bravo mar, noturno mar, mar implacável,  
marinheiro incauto do sono,  
adentro a noite dos teus astros.  
O que não fui e o que serei  
decifra o ritmo das águas  
no estandarte que meus olhos não alcançam.  
Bravo mar, noturno mar, mar implacável,  
que pélago oscilante esconde  
a nau que me perdeu?

Eu olho o mar  
e ainda é noite e tudo é noite  
no espaço que se abre à minha frente,  
é noite e o corpo da amada circula no meu sangue  
e a derradeira nau desgarra do porto convulso  
pela maré cheia  
e faz-se ao largo e tudo é noite, bravo mar,  
e o manto de tuas vagas é a mortalha que cobre o  
meu silêncio,  
o meu silêncio e o meu destino e a minha vida  
entregue à vastidão do mar, voragem!

O bravo mar é um animal em cio.  
A noite engolfa os meus desejos  
e o frio coração repousa o seu cansaço.

## BIOGRAFIA

Que multidão de gestos se avizinha do meu sonho?  
Fascínio? Tumulto? Estátua erguida à minha frente?  
Tudo o que peço é um ritmo,  
pequeno tambor de areia e vento,  
instante crescendo na palma de minha mão.

Leve breve alheia  
a música das águas  
me povoa os olhos  
da excessiva imagem  
do meu ser futuro  
pronto para a viagem.

O mundo, mágoa ou receio,  
olho e não vejo mais que uma pergunta:  
nenhum além passou.  
Só resta este nome, esquivo a toda ânsia.  
E o ritmo diabólico do espaço dividido sobre o mar.

Aqui  
a fúria das águas devora a tarde,  
horas e dias, meses e anos crescem no vale da  
espera.

Aqui  
onde tudo foi  
o tempo verte os instantes que jamais serão  
e grava nas paredes de areia  
a efígie de um pássago cego no espaço.

Súbita mão nestas águas oculta impele os velames  
e o tempo intumesce o bojo das horas  
que caem sobre mim feito sangue

    aqui  
onde presente é passado e o futuro se esconde  
no pouso em que jamais serei.  
Um pouco de mim ficou  
no tempo prometido que não se cumpriu,  
um pouco de mim ficou  
na angústia de tanger as horas que lambem meu  
    corpo em febre  
depois se perdem.  
Outro pouco de mim naufraga entre foz e nascente  
porque já não sou:

    memória  
    ausência  
    recusa

é tudo quanto permanece  
quando a língua do tempo repõe em meus lábios  
a úmida promessa do levante.  
Estou só e não sei  
senão vadear o rio de mansas palavras  
que corre em meu sangue.

Desse sangue renasces para o que não foste  
e eternamente caminhas para o que não és.

Entre um instante e outro instante,  
as águas da tarde desviam o breve curso  
e te conduzem  
e te chamam para onde estás.

Eis o mastro e eis a quilha  
e amarras e proa e velames,  
eis o veleiro  
todo que do meu sangue se alimenta  
e essa voz  
lamento que da brisa se levanta  
voz de hoje  
voz de ontem  
voz de sempre  
solta no espaço do porvir onde meu ser se encontra.  
Presente é passado  
e futuro é espanto  
nos olhos que fogem de minhas pálpebras.

Caminho através de meu corpo  
e sei que perder  
é estar próximo da noite acumulada no vale dos  
meus olhos.  
Tempo de hoje, tempo de ontem,  
— perder  
é só lembrança de não ter sido,  
não ter sido  
para o que ainda é,  
não mais.

(Breve, o rumor da aurora entreterá  
o sono que não conheceste.

Jamais deixaste de ser o que és,  
por isso estás só.  
Ágil como um pássaro,  
teu lamento cruza os ventos que impelem  
veleiro e sonho.  
Através de teu corpo,  
onde úmidas palavras singram,  
eternamente caminhas.)

## AMOR

Não sei onde estás,  
não sei se me ouves,  
mas quero que te saibas muito amada.  
Não sei se me vês  
    assim: imagem retida  
em fatigados olhos que não viam.  
Sei: aqui estás e é todo meu  
o contorno de teus braços,  
gesto de pura ausência,  
aqui onde o mar de teus olhos singra  
inflando os velames do tempo.  
Aqui me vês: degredo!

(Em que destino,  
em que dobra cruel do destino  
espreitas a morte que circunda o espaço?)

Aqui estou  
e aqui me afagam as entranhas do rio que  
devoram tudo.

Longes de puro verde!  
Teu corpo foge nos ares,  
teu corpo foge  
para nunca mais.

Do rio de meu corpo flui  
o pranto em que te diluis.  
Ah, noite que se desata  
como um pássaro  
de teus olhos!  
Amar-te  
é ouvir um ruflar de asas,  
longe,  
pequeno tambor que afugenta  
os nossos receios.

Tuas mãos se agitam na brisa,  
teu pranto é o pó que se ergue  
da flor de teus lábios.  
Flor, do ventre da terra tu és!  
Que mais pode meu sonho te ofertar?

Morrer é mais do que isso.  
Morrer é ter vivido um dia  
morrer é ter vivido  
e estar abrigado  
para o que restou.  
Teu nome passa

teu nome passa no meu poema  
teu nome passa.  
Em que mistério te escondes  
que não ouse vê-lo?  
Amor é isso?  
Morte para o que há no mundo,  
vida para o que há no espaço  
ausente  
de tuas mãos em mim?  
Morte  
é a noite que surgiu  
no escuro de teus olhos  
quando amavas.  
Amor, silêncio nas lonjuras!

E não poderes retornar para o que foi  
é glória no teu rosto subjugado.  
Assim, assim, amor, eu te amo.  
Assim em nós se vingam estas águas  
do tempo roubado ao puro olhar dos deuses,  
deuses para o amor que nos abriga,  
águas que devoram as margens do que somos.

(Eu te amava  
no horizonte de teu corpo  
eu te amava  
na fuga dos velames  
eu te amava  
no escuro de teus olhos  
eu te amava.)

Tempo de amar!  
Tempo de amar é o tempo que este rio nos legou.  
Em que longes destas águas Abril nos vê e nos  
orienta, bússola de afagos?  
Teu nome surge e ressurge e se esconde  
no fluxo e refluxo das marés.  
Cheia e vazante  
astrolábio de sonhos  
rosa-dos-ventos  
teu nome é vago brilho no horizonte.  
Amor, amor te chamas  
e a morte de teu ser em chamas não tem nome.  
Não sei em que descampado te abrigas,  
não sei se lembras  
o transitório afeto que nos viu unidos.  
Não sei em que refúgio te escondes,  
não sei se ouves a voz que de mim se ouvia.  
Assim é o sortilégio de agora:  
o ontem guardado no mais oculto do peito  
abandonado e morto para o que não há.  
O amanhã  
o amanhã tu sabes  
o amanhã tu sabes onde o encontrarás:  
aqui e sempre neste amor prestante.

A verdade plena destas águas  
é este nome circulando nos abismos de meu ser.  
Pudesses desvendar o semblante destas águas  
e não verias mais que o rosto de teu rosto  
gravado aqui no sangue de meu corpo,  
corpo que é teu corpo e é teu sangue,  
rútila nau singrando para Aonde.

Vozes de puro verde!  
Teu nome aplaca  
no horizonte longe  
o rumor dos espaços.  
Teu nome em chamas  
é o brasão gravado  
na fúria do meu peito  
quando ama.  
Perder é voltar  
perder é voltar a ser  
e ser é saber teu nome  
roçando os meus sentidos  
na rota do verde veleiro.

Caminhos de teu corpo  
oferecido ao meu abraço,  
eis-me aqui!  
Caminhos de teu corpo,  
para que norte do meu ser  
aponta o precipício?

## REGRESSO

Janeiro sucumbe à astúcia das águas  
e lembra:

nunca será dia azul  
e a primavera, quando vier  
já primavera não será.  
Mesmo assim, amor, te aguardo,

luz e sombra,  
coração de todas as sombras.

A cada estação  
teu hálito quente retorna  
ao ermo campo que aguarda  
a messe propícia de Abril.  
Vozes para receber-te,  
hinos para anunciar o tempo bom que trazes,  
olhos para devorar o espaço em teu redor,  
é tudo quanto tenho para dar-te.  
Teu hálito cresce na noite  
e o espaço que te circunda  
é sortilégio em que nos perdemos.  
Eis-me aqui.

Abril me chama  
e a máscara se transfigura no palco inerte da tarde.  
É esta a hora mais bela entre todas,  
propícia, bem sabes, ao puro recordar  
em que o humano coração repousa  
dos seus males.

A isto chamas vida?  
Sombras no contorno do teu rosto.  
Ah, tão pouco sei,  
tão pouco sou!  
Esquecer é partir  
e partir é ser aqui,  
no pleno deste curso,  
entregue à astúcia das águas.  
Se ao menos o corpo

não se magoasse tanto  
sob o sol que cega!

Mas aqui estou  
e o porto a que não sei chegar  
é lembrança de um tempo  
em que naus não havia.  
Pudéssemos estar em pleno mar  
sem lembrança do porto para onde vamos  
ou memória do porto de onde partimos!  
Ah, coração de todas as sombras!  
Teu hálito cresce e me envolve.  
Ser é estar de regresso,  
na viagem que eternamente reinicio  
na voragem das águas que me consomem.

Lembrar  
é o recurso último que os deuses concedem.  
Nesta hora em que estou só  
e Dezembro desponta no curso dos astros,  
meus dedos afagam o corpo desnudo que Abril co-  
nheceu  
e me precipito nas águas.

De Maio a Dezembro  
Câncer me aguarda no dorso das ondas.  
Aqui, onde Janeiro sucumbiu,  
submisso interrogo pelas estações futuras.  
As naus que desgarram do porto de sempre  
conduzem meu corpo que pulsa  
entre os escombros do tempo:  
astrolábio de afetos

rosa-dos-ventos  
acaso da morte que corre em meu sangue.  
Noturno, sem esperanças, caminho,  
e Janeiro permite que Câncer me aguarde.

## MEMÓRIA

Lembranças de um tempo mais claro,  
sereis vós a luz que brilha em minha noite?

HÖLDERLIN

Aldebarã oscila  
no hemisfério contornado por fatais velames.  
Monstro de amplas faces,  
em que solstício vindouro  
enxugas o pranto que hoje me atormenta?  
Em que domínio abrigas a fiel sibila,  
estela a conduzir-me?  
Aldebarã! Aldebarã!  
Que vozes se conjugam  
para modular o canto  
em que, noturno, te concedes?  
Tuas entranhas galgam a curva dos astros.  
Na fuga deste ermo onde as águas se abismam  
tuas formas sangram o circundante ocaso.  
Aqui Aldebarã triunfa,  
morde e remorde o corpo úmido das horas,  
e minhas mãos se curvam,  
curvam e recurvam,  
no expectante ocaso.

Que esforço humano pode amenizar  
a solidão dos deuses?  
Que altivo abandono de que glória inútil  
pode compensar o esquecimento?  
É muito o que peço  
e no que ofereço se revela  
a dádiva final que os deuses não concedem.

Eu olho o mar  
e vejo o tumulto das águas que tangem meus ór-  
gãos inúteis.  
Aldebarã! Aldebarã!  
Um só instante  
do fogo eterno em que te consumes  
me destruiria.

O que peço  
é menos do que sou,  
o que ofereço  
lembra o que não fui.

Aldebarã, eis-me aqui,  
vazio e nulo como me deixaste.  
Que mais pedes em troca das palavras com que tra-  
mo o meu convívio?  
Acaso não sei que os deuses se comprazem  
em destruir o que constroem?  
E na destruição está o ritmo que rege o seu cativo  
movimento;  
na carne que nos roubam, a secreta fonte em que  
se nutrem.

Nesta hora  
em que a fúria das águas lambe a face oculta dos  
velames,  
uma voz, silente, em mim indaga:  
— Que seria dos deuses  
sem o amor em que os mortais se entredevoram  
e à fome divina se consagram?  
Aldebarã reclina a cavilosa face.  
Ainda na morte há que ser altivo.

Eu olho o mar  
e vejo a severa harmonia das águas.  
Janeiro amansa os meus temores  
e o frio coração se entrega ao transitório abrigo da  
memória.

Palavra, palavra,  
serva de fatal encantamento,  
que vida do meu ontem  
sacrificas neste canto?  
Que sangue do meu dia exiges,  
implacável, neste sempre?  
Ah, devora, urna insaciável,  
a carne que recobre meu corpo exilado  
e deixa, apenas, o silêncio mais puro  
crescendo em meus ouvidos,  
o silêncio onde se forja um nome  
ainda não pronunciado  
enquanto  
a mão apascenta o dorso inquieto  
das águas

e Janeiro trama o futuro  
no escuro de meus olhos.

Aqui, no amplo deste curso,  
trâmite das horas,  
astrolábio de sonhos,  
eternamente caminho para o meu princípio.  
Aldebarã! Aldebarã!  
Que pélagos oscilantes de teu ser  
reservas para a minha morte?





Pertencente à Biblioteca Cururu  
Não Venda, Nem Guarde! Circule-o!  
[www.jornaldepoesia.jor.br](http://www.jornaldepoesia.jor.br)

# A TARDE E O TEMPO

(1964)

Um novo deus é só uma palavra.  
Não procures nem creias, tudo é oculto.

FERNANDO PESSOA

## POÉTICA

1.

Vem para o poema  
como se viesses para o abismo.  
Debruça-te no espelho destas águas  
e colhe o silêncio que navega  
no mais fundo de teu ser.

O pai ausente  
a mãe ausente  
a irmã ausente:  
não importa.

Os que te amaram  
no bojo deste rio  
te esperam.

2.

Deixa que teus olhos cansem a paisagem.  
Não sofrerás por ver demais.  
Repousa teus sentidos  
no contorno vão das coisas  
e deixa que teu ser  
humildemente se disperse  
aqui  
entre as palavras.  
Torna-te canto,  
apanha-te no vento

a esmo  
e vê: não estás só,  
tua memória te acompanha.

3.

Começas a nascer no teu poema,  
já falas e caminhas.  
Tudo é novo e tudo é teu,  
nada perderste  
e a vida que consumes  
já te pertencia.  
Falas  
e é o que basta.  
Revelas-te  
e não queres mais que revelar-te.  
Se te ouvirem  
é que existes  
e um dia saberás  
onde foste encontrar eco.

4.

Estás no teu poema  
como a árvore no campo.  
Quisesses retornar, não poderias.  
Teu peito pulsa  
como pulsam estas vozes  
aqui

entre as palavras,  
no rio de teu corpo.  
Vais e não tornas,  
estás e não és.  
Falas  
e teus sons cravejam o horizonte  
de versos que dizem  
do pai  
da mãe  
da irmã  
ausentes.

Quisesses encontrá-los noutra parte,  
não os acharias.  
Aqui estão,  
contigo falam  
e te abrigam.

5.

O que levas no teu bojo não é teu.  
Tampouco te pertence  
a sólida reserva de silêncio  
que arduamente conseguiste.  
Ganhaste-a enfim para distribuí-la.  
Após entrares no domínio de teus dons,  
há que ofertá-los, um a um,  
entre os iguais.  
Vê: cada qual espelha  
o nada vazio nulo à tua volta.

6.

Ser e não ser mais.  
Sofrer sem interrupção e crer  
que um simples gesto possa  
alterar a ordem vã das coisas.  
Inútil lamentares o que foste  
e o que não foste.  
Serás sempre o que fizeres  
de cada instante em vão vivido.  
Em vão, para a pequena utilidade  
dos desígnios vizinhos ou palpáveis;  
único e soberbo  
na face interna dos seres  
que no ocaso se resolvem.

7.

Tudo é memória e tudo é sonho.  
O nome que murmuras quando a noite  
rente aos olhos passa, desfilando,  
é silêncio.  
Densifica intensifica pacifica  
enquanto vais  
elaborando a carga de silêncio  
do instante que não fica.  
Nem instante  
nem os olhos  
nem a face que suplica.  
Tu, a sós, no ermo da noite,

apascentando a solidão  
que não se explica.

8.

Enquanto uma face repousa na sombra  
e a outra, inquieta,  
se movimenta na planície,  
guarda a lembrança da casa,  
o mundo sempre novo  
ou renovado,  
a lembrança do chão onde ecoam teus passos  
e onde fizeste gravar  
o marco (inútil) dos teus versos.  
Depois  
aguarda que tudo recomece  
a cada nova aurora.

9.

Observa atentamente cada verso teu  
e vê como o poema  
pouco a pouco se revela  
alheio e humilde  
afável  
sorratamente elaborado,  
teu, indissolúvelmente posse  
de tua vigília,  
teu para não possuí-lo  
e espalhá-lo pelo mundo.

## RETRATO

Ah, quem viu, quem vê?  
Onde se esconde a pátina invisível  
que cobrindo está (eu sei)  
estas palavras  
estas mãos  
o sono  
e quando olho é brisa?  
O mundo exíguo aumenta  
no soluço reticente.  
Ponte rio estrada  
o céu a casa  
o corpo descontente.  
Mulher? Criança? Não foi.  
O sol  
lentamente se levanta  
e grava a solitária imagem  
em pálpebras reclusas.  
Absurdo, o amor desliza.  
Oferta sonho recusa  
repto sudário  
—o amor é vário  
e as vozes obtusas.  
Foi? Não foi?  
Palácio ou cornamusa,  
o mundo nítido é fatal ausência.  
O céu — destino  
a intenção — certeza  
e a incerteza se desnuda  
na moldura breve do meu riso.

## OURO BAÇO

A tarde é tarda.  
O pardo horizonte aguarda  
o carro de sombras do poente.  
A noite se avizinha  
e o silêncio é tudo  
nesta tarde de púrpura e ouro baço.  
Dálias e campânulas chovem por lá fora.  
O rio da tarde se avoluma  
e engrossa as águas deste sono denso.  
Se digo flor  
teu branco seio acolhe o meu amor.  
Se digo amor  
a tarde lenta se abandona  
no refúgio de teus olhos.  
Assim viajo no dorso do dia,  
estas águas sem fim,  
janeiras:  
pouso e cantochão.

Lírios e malvos gestos restam  
entre os escombros desta tarde.  
O silêncio a esfera toda abarca  
e nos põe assim.  
O dia é isto:  
largas águas janeiras,  
rio que do meu  
e do teu rosto  
foi manado,  
rio que do teu corpo flui

e grassa e volta e cresce  
à deriva  
e leva o teu corpo e o meu  
nestas águas sem fim  
janeiras  
de outro tempo.

## CÍTARAS DE TÉDIO

...um desejo absurdo de sofrer.

CESÁRIO VERDE

A tarde é um tropel de brumas sobre a terra.  
Que frio é esse?  
Que ventos despertam longe adeuses tantos?  
E essa vontade enorme de sofrer,  
de onde vem?  
Reponho meu silêncio em tuas mãos  
e já não sou.  
(O mundo é uma esfera de naus franjadas.)  
Meninos e meninas tangem cítaras de tédio  
e o estranho golfo em que me abato  
é uma enseada de temores:  
manto de alva brisa sobre a terra.  
Sonhar-te é voltar à paisagem primeira,  
lembrar-te é morrer  
e morte é repousar de teus cuidados.  
A tarde é toda de olhos baços,  
bruma e pranto em que me sofro,

leves rios que me vêm aos braços  
e me põem alheio.

Eis-me aqui: silêncio nas lonjuras.  
Minha vida é o pão,  
minha vida é o vinho,  
é sangue e limbo  
onde construo este poema.  
Que céu e que graças passam  
no lento refazer em que me abarco!  
Saudade é bruma.  
Diante de nós, amor, a tarde anoitece.

## PLÁTANO

Se fosse pela tarde  
que lá fora em ouro arde  
diria que é cansaço.  
Não, é mais,  
é glória no espaço  
entre os olhos e o pranto,  
glória que surge na bruma da noite  
entre a aurora  
e o brevíssimo amante  
que o poente fez de mim.  
Não é cansaço nem sou eu.  
É sombra,  
é o espaço que ocupa o lento corpo meu.

Eis: lembrar não vou,  
fazer não faço.  
Sei que passo,  
silenciosamente passo,  
e fazer não sei  
senão fazer cansaço.

(Oh, não te movas!  
Não digas nada!  
Te dou o sol, te dou a aurora.  
Te dou o mundo.)

Não é cansaço, não.  
É que teu ser tardio me fascina,  
deusa obscura, plátano, destino.

## PÁSSARO

O meu amor é livre como o espaço  
entre as folhagens e o rio.  
A minha amada  
é o pássaro que surge  
com o azul da madrugada.  
O pássaro percorre a geografia  
do meu peito  
e se faz dia.

O meu amor é livre como o dia  
que abandona o meu jardim.

Enquanto o pássaro percorre o espaço  
entre as folhagens e o rio,  
o dia verte o seu cansaço  
e a noite se veste de alecrim.

## DESCOBERTA

Quisera-te sempre o orvalho  
a descer o corpo de tímidos seios,  
meus olhos sorvendo os breves anseios  
que vibram nesta hora plena,  
mais pressentida que tocada.  
Amor, sono de lúcidos regatos.

Acampo em tuas águas e caminho  
em direção à aurora de teu corpo,  
que principia pelos seios,  
percorre-me os anseios  
e deságua em nós,  
voltados para o poente.  
Céu e vento.  
Amo teu corpo manso que me abranda  
e te recolho  
na agitação de meus olhos quando vêm.

Bússola de afagos,  
teu corpo anuncia o crepúsculo.  
Assim te amo  
e o tempo nos pertence.



em vosso curso e só partindo permaneço.  
Em vosso rosto me contemplo e sei que assim  
não me pertenço e, contemplando o vosso curso,  
no contido entendimento vejo que estar  
é ser ausente:  
fora, alheio, nas pedras, no limo, no fundo  
jazigo do rio, passado que torna, dói e não é.

## QUARTETO

1.

Assim te amei, tanto e tanto  
que em meu peito secou o rio que corria  
submisso e atento para os braços teus.  
Nestes vales vazios agora procuro  
os gestos esquecidos, as sombras  
do rio que fui, o rio que fomos,  
largas águas seguindo o mar da noite.  
Assim te amei  
do amor maior que pude.  
Assim fiquei, de mim ausente: o vento ao longe.

2.

Já não sei apascentar o rebanho de mágoas  
que trago no peito, mas sei que o vento

ainda afaga o dorso do horizonte.  
Largos desertos, ao menos abrandai  
a pena sem fim que me domina!  
Lírios, rosas, dâlias e outras flores,  
vinde ao menos cobrir-me a fronte  
de orvalho e calmaria, enquanto sigo  
por este vasto mar de areia e sonho.

3.

Assim te amei de calmo amor prestante,  
o peito nu crescendo em solidão.  
A tarde passa, tudo passa quando amor  
refaz o pó de que foi feito.  
O dia segue o curso itinerante  
e é sempre neste ocaso o tom de afago,  
o ar desfeito, o mundo ignorado,  
intimidando o peito de quem ama:  
uma voz soluçante, um nome,  
a nula lembrança. O sonho agonizante  
de quem, por muito amar, deixou o mundo  
inerte e foi empós do amor errante.

4.

Mas o sonho não cessa.  
É o coração que diz: o amor não basta,  
é o peito se alargando na amplidão da tarde,  
é o frio, o mundo vasto, o sangue

que circula onipotente,  
destino!

É o frágil contorno  
do ser que por meus olhos se derrama  
(o corpo é lenta força que palpita)  
e ao fim só resta este pouco de vida,  
que não cessa, que não cessa, que não cessa,  
pouco de vida onde esconde  
o humano amor a mágoa que é divina.

### A FRAUTA DO RIO-NÃO

Eis que me vejo cativo  
dos segredos em que vivo.

Das fauces do rio flui  
o pranto em que me diluo.

Nos em que vivo segredos  
refugio-me: degredo,

que me diluo no pranto,  
vã ladainha, conquanto

degredo, e me refugio  
nas margens nuas do rio.

Conquanto vã ladainha,  
a fruta não cessa, é minha.

Do rio nas margens nuas  
nascem os monstros: são luas.

E a minha fruta não cessa  
de ir o pranto jorrando. Essas

luas são monstros, que nascem  
e se vão, posto ficassem

estas, do pranto jorrando,  
mágoas que vão-se apartando.

Ficassem, posto se vão,  
no fundo do rio-não,

que são destino estas águas,  
dores, queixumes, só mágoas.

No fundo do rio, não,  
que estes segredos estão

(fugir não quero, não minto)  
onde cativo me sinto:

não no fundo do rio  
mas no meu peito vazio.

A fruta segue tecendo  
e o lamento vai morrendo

em tímida comunhão  
com as fugas do rio-não.

Morrer não quero, confesso,  
mas morro, morro e não peço

mais que morrer tão vazio  
como o fundo vau do rio.

Nestas águas me abandono  
e morro como num sono,

dizendo ao rio soturno:  
— Como morrer se não durmo?

O rio responde: — Não!  
E o pranto corre mais fundo

da frauta do rio-não  
para os caminhos do mundo.

## ABRIL

Aqui esteve Abril. Lançou despojos  
que o tempo em seu passar já não apaga.  
A funda cicatriz que o mês deixou  
soluça à leve agitação das águas.  
Jazigo é este rio. Voz nenhuma  
atende ao mudo apelo que são mágoas.  
Que resta aí senão o desengano  
dos anos que o ledo entendimento  
viu ir Abril forjando em puro engano,

inquieta dor, fatal esquecimento?  
Inútil relembrar. Sequer sabemos  
onde ficou o vão contentamento  
das horas que Janeiro acumulou  
no lento coração, ressentimento  
que os olhos de mortal cegueira foi  
escurecendo.

Enfim, em seu lugar,  
o que deixou Abril pelos enganos?  
Pelas queixas mil, que recompensa  
envia para os males minorar?  
Nada, ninguém, só esta doce mágoa,  
que cresce, como cresce o mar dos anos,  
passando por passar, assim, regendo  
o puro acontecer do meu destino.  
E quanta mágoa Abril exige em troca  
de não ver! Anuncia a esperança,  
ilude o meu sofrido entendimento  
e em seu lugar põe só desesperança.  
Pudéssemos amar sem conhecer  
do amor o nome com que Abril nos brinda!  
Em vão lutamos, se este amor nos cansa,  
e se afinal não restarão senão despojos  
do ser amado, aqui, boiando nestas  
águas, só mágoas, puro esquecimento  
do distante, irreal encantamento.

Lá, onde estas águas nascem, um nome  
ainda não pronunciado trama  
o destino que só se cumprirá  
quando restar apenas desengano

e quando, no lugar das esperanças,  
desesperanças fiquem, vendo  
passar, apenas por passar, os anos.

No fundo do rio a morte me espreita  
e lentamente me chama e me atrai  
para o oco onde anos, desenganos  
e esperanças se desfazem e Abril  
adormece no ventre de Janeiro.

#### À TARDE E O TEMPO

Ser é passar.  
Minha vida é uma caravana de apreensões.  
A tarde plena e deserta me abriga  
e agora anoitece  
do lado de dentro destes olhos  
que não sabem ver senão a ti.  
(O fogo que arde em teu seio  
impede que eu veja demais.)

Que vozes convocarei  
para enfrentar o silêncio  
que até do chão se erguerá?  
O apelo retorna no ar vazio  
e aos poucos lembramos:  
a casa,  
o mundo antigo onde o amor começou,  
uma voz,  
um afago,

a melodia errante  
e este bando de pássaros  
e a tarde crescendo no vale de tuas pálpebras.  
Se eu te mostrasse o mundo  
o amor feneceria.  
Tua lembrança caminha em mim  
para o mar que nos espera.  
E vamos, teu corpo rente ao meu,  
redescobrimos os caminhos.

## O MEDO

O medo renasce no teu gesto  
e alonga em breves coleios  
a tarde velha no escuro de teus olhos.  
O medo renasce em tépidos receios  
e adensa o ritmo das horas  
que caem sobre os corpos que dançam.

A rosa do medo nasceu em teu olhar,  
floriu na aurora e abriu-se em branco  
no horizonte de brumas e rochedos.  
O medo nos colheu para a vida que passa  
e não toca.

E seguimos  
tangendo dalias e medusas  
neste leito de naufragos e ilhas distantes.

Amar é voltar.  
Crer é não crer mais.

O medo de perder  
é o mesmo que não ter.  
Assim me sustenho e refaço  
nos olhos meus o teu olhar tão baço.

Passado e presente se erguem à nossa volta,  
o mundo se constrói a cada instante  
e o que há somos nós:  
os olhos e o gesto pensos,  
o amor mais próximo,  
o céu mais denso.

## NAVEGAÇÃO

Naus de rotas velas,  
caravelas antigas, vagam  
em busca do porto abandonado e perfeito.  
O tempo  
é o tédio mastigado em profecias,  
limo que surge em velas e mastros,  
no passar que vem de longe.  
(De onde vens, ritmo vago e distante,  
lamento que desce as amarras das naus?)

O limbo dos meus olhos cansa,  
vozes negras de medusas e hipocampos  
sobem no espaço  
e a rosa-dos-ventos dança  
no céu de segredos pressentidos.

Aqui estou,  
barqueiro de névoas e signos,  
aqui estou.  
Se tudo é destruição, por que vagam as naus?  
Se tudo é passado sem retorno,  
ai quanto de mim se foi,  
ai quanto me perdi!  
Se tudo é essa angústia inadiável e exata,  
por que repetir o mesmo giro em torno do sol?  
Minha alma conhece o esplendor do fogo,  
meus olhos são como as pálpebras da aurora.  
Meus dias passaram  
e o tempo, alheio, prossegue.  
Meus ossos arqueiam ao peso das âncoras.  
Terminei e continuo.  
Fiquei.  
E as naus a vagar em busca do porto.

## SIGNO E APARIÇÃO

1.

Ah, como dói o sol que não aquece  
e entra pelo quarto aberto e me chama  
para a inútil jornada do dia lá fora!  
Estendo a mão trêmula para o que nem sei  
e um frêmito ignorado percorre meu sangue  
e me atira ao chão de meu cérebro enfermo.

Ah, muralhas do meu ser-assim! Raiva incontida,  
fúria de ser migalhas, migalhas de vida,  
esta vida que amedronta porque é muita  
e mesmo sendo muita é pouca.

Ah, vida!

Girassol terrível que me eclipsou!  
Fúria alastrada de não ser o que penso,  
de não ser o que nem ousou pensar,  
tão alvo e louco parece!

A cabeça

que explode como um carrilhão em brasa  
e me percorre o corpo até os confins da alma!

Ó Deus, meu Deus, sejas tu quem fores,  
se existires, que venhas!

Se vieres,

apanha-me e aponta o caminho,  
fala comigo uma vez, uma só,  
e jorra a luz que ofusca o dia e alumia a noite.  
Vem e arranca-me do campo de tédio  
onde avidamente sugo a seiva rala dos meus dias,  
e arroja-me de vez ao mar,

o grande Mar,

centro para onde tende  
o desespero de minhas horas mal vividas.  
Derrama o ser viscoso em que minha alma se agita  
e muda-me em mim mesmo mudado,  
para todo o sempre, para o indefinido.  
Afugenta a idéia terrível da morte,  
muro onde se debatem meus ideais desfeitos,  
e leva-me em teu barco veloz

e passa  
e passa acima  
acima dos píncaros de eu sonhar-me outro!  
Despeja-me em teu amplo chão  
e deixa-me verdecer em paz.

2.

Flor!  
Brisa que afaga o dorso quente  
da fera que entra  
pelas janelas largas do horizonte branco!  
Sol e campo distante!  
O dia se agita do outro lado do mundo  
e se levanta hibernal.  
Ah, manso azul que vem,  
debruça-te sobre minha alma desfeita em esperas  
e pausa e inunda meu ser  
desta paisagem morna e perfeitamente vazia!  
Vem, azul distante,  
leva-me aos campos de ontem,  
sopra o vento refeito  
que traz o bulício  
de todas as manhãs seguintes da minha infância.  
Abre este sol em meu peito  
e alarga a esplanada em que me debruço  
sobre o variado espetáculo do mundo.  
Derrama tua luz em meus olhos ansiosos de fuga  
e torna-me outra vez  
o menino de pássaros ao ombro

e lentidão no olhar.  
Torna-me outra vez quem sempre fui  
e nunca dei por isso,  
porque tudo isso  
pesa como um naufrágio  
à beira da praia.  
Tudo isso esquece no labirinto da memória.  
Derrama no meu coração  
as lúcidas cores  
das tuas flores  
e cerra-me brandamente as pálpebras.

Ah, largo dia,  
tempo de antes, tempo de depois,  
tempo que vem e pausa além,  
no grande Mar onde estarei um dia,  
algas e pedras e peixes e musgo  
unindo-me ao seio fecundo do mundo.  
Serei céu e abismo,  
o mar será meu teto,  
e em meu peito deserto  
o coração abrirá em flor,  
a rubra flor do adeus,  
gesto acenando para a Distância.





# A POLIFLAUTA

(1960)

Não sou nada.  
Nunca serei nada.  
Não posso querer ser nada.  
À parte isso tenho em mim todos os sonhos do mundo.

FERNANDO PESSOA

## A POLIFLAUTA

Bartolo tinha uma flauta,  
a flauta do seu Bartolo...

...mas a flauta de Bartolo desmoronou  
e ele ficou a olhar o mundo  
com o rosto entre as mãos.  
A noite se transformou em flor azul  
e veio pousar a seu lado,  
o vento quebrou a pauta  
do canto da flauta  
e as notas voaram sonoras.  
Bartolo ouviu a sinfonia liberta  
e atirou a flor azul ao vento,  
azulando, a flor azul,  
    zunindo  
    sumindo.

— Aooiiiiraaaa!  
(Que frio, Bartolo!)  
Laariitiloooo!

Lá vem Bartolo ensopado de sons  
lá vem Bartolo chovendo melodias  
lá vem Bartolo correndo  
    gritando  
    cantando  
    dançando:

— Aiioooluuuuu!

(Que frio, Bartolo!)

Bartolo tinha uma flauta  
tinha uma flauta o Bartolo  
o Bartolo a flauta tinha  
tatinha do Bartolo a flauta  
flala oto do Bart...aulo!

Bartolo não consegue beber os sons  
que fogem de vez  
e o vento canta, o vento zune,  
a flauta azula, a flauta dança,  
os milhões de flautas  
que Bartolo já não toca.

— Laariilaooriilaaa!  
(Que frio, Bartolo!)

Bartolo corre  
e levanta e grita  
e dança e cai,  
até que a flor azul  
(ah, a flor azul!)  
se transforma outra vez em noite  
e cai sobre Bartolo e a flauta.  
Os poli-sons vão morrendo  
(Bartolo tinha uma flauta,  
a flauta...), Bartolo vai  
cansando  
deitando  
dormindo

estrelas nos olhos  
e a flauta intacta entre as mãos.

## TÉDIO

Minha única verdade  
é este sono que me penetra  
como flor de quatro pontas  
e me pertence;  
é esse tédio enorme  
que vem dos longes com cheiro de abismo.

Minha única verdade  
é este punhado de flores  
dentro da noite  
à espera do último tédio  
que vem dos longes com cheiro de abismo.

## PÁSSARO CEGO

Dentro da noite de olhos ocultos,  
a cada olhar  
eu atirava uma pergunta:  
— Onde está?  
— Logo adiante, logo adiante.

Percorri meu caminho  
na rosa-dos-ventos,

perdido de espanto:  
— Onde está? Onde está?  
— Logo adiante.

Até que o vento  
pousou uma lágrima azul  
em meus olhos  
e um pássaro cego  
trouxe de longe  
(onde está?)  
a cirândola vermelha.

## BECO DE OURO

Cantar eu canto  
chorar eu choro  
dormir eu sonho  
dançar eu canso.  
Se tento sorrir  
o sol se apaga e a noite vem.  
(Estrelas são espantalhos antigos.)

Ó beco, beco de Ouro!  
Para onde vão meus dias?  
Beco de minhas alucinações coerentes,  
beco de Ouro Ouro Ouro,  
linda paisagem de outono!

Cantar eu canto  
chorar eu canso

dormir eu danço  
sorrir esqueço.  
Meus dias se desfazem,  
não vão dar a parte alguma.  
Meus sonhos  
meu canto  
meus olhos:  
tudo se perde  
tudo se perde  
  
tudo se perde.

#### PASSAGEM PARA O SONHO

Sinto-me preso à noite, preso às árvores.  
Ah, esses milhões de rios líricos  
que correm rosas dentro de mim!

#### DEVOLUÇÃO

A noite veio, dispersou meu corpo,  
e os ventos me passearam pelo campo.  
Ah, minha carne misturada à terra,  
meus ossos desmanchando-se no frio  
secular dos rios que me despejam  
envolto em musgo e lama contra as pedras.

Meus olhos desmoronam-se no verde,  
a paisagem traspassa-me as retinas;  
meus dedos carcomidos se desfazem  
pelos vãos das folhas, de volta ao pó.  
De minha boca inútil nascem rosas  
brancas. Eu chovo, eu vicejo, eu me planto,  
e um dia vou brotar por entre as pedras  
frias, mais puro, transformado em verde.

### APELO

Vento vento  
vento canta  
vento dança  
vento vento  
me balança  
me levanta  
me carrega  
me despeja  
sobre o mundo.

Vento vento  
vem ver o sol  
a te chamar.  
Vento vento  
vento passa  
vento canta  
vento dança  
vento cansa.

Vento vento  
eu quero chorar  
eu quero partir  
eu quero correr.  
Vento eu quero  
dividir minha alma  
em quatro pedaços  
em quatro cansaços  
e atirar por aí.

Vento vento  
vem ver os cabelos dela  
escorrendo das estrelas,  
vento vem  
acariciar os cabelos dela.  
Vento vento  
eu quero os cabelos dela,  
vento eu quero  
molhar meu rosto  
nos cabelos dela  
nos cabelos dela.

Por mais sozinho que eu seja  
não faz sentido esta monotonia  
dos cabelos dela  
dos cabelos dela

dos cabelos dela.

## RIMA EM AL

Quando eu morrer, na laje de cristal  
quero só um nome gravado, e umas flores.  
Velhas cigarras levem seus tambores  
para amparar a frágil rima em al.

Quero que a chuva caia horizontal,  
para lavar o limbo dos andores,  
e um vento brando espalhe com os bolores  
dos poemas de tão frágil rima em al.

E um céu azul, meu último desejo,  
se espalhe, frio, ao longo do cortejo  
e um vento brando murmure, afinal,

nos ouvidos da musa embevecida:  
ele te amou mais que tudo na vida,  
armado só da frágil rima em al.

## DORMIR

Viajo longas estradas de pó,  
meus olhos desfiam lágrimas,  
assim.

Nas flores e nos homens,  
um profundo silêncio,  
como um deus que dorme.

Meus sonhos espreitam  
no fundo do grande rio.  
Digo adeus a meus gestos vencidos  
e caminho,  
os braços abanando perguntas.  
Agora vou sentir o frio do mar  
em meu rosto  
e a noite densa em meus dedos.

Pelas estradas de pó  
os dias dançam inúteis.  
Longe, muito longe, adivinho  
um dançar de sol e lua,  
menino e menina,  
tristes, sorrindo.  
Se um dia eu cantar,  
meu canto será o último,  
alcançarei a lua e o sol  
e o mar dançará ao som do meu canto.  
Se um dia eu cantar,  
morrerei de cantar  
e dormirei  
para sempre.

## PROMONTÓRIO

Trago a lua embrulhada no bolso  
à espera do Armagedón.  
Meus braços deslizam na calçada,

minhas mãos, meus dedos frios  
dormem no fundo de um baú:  
— Anhangabaú! Anhangabaú!  
Asfalto lunático e impotente,  
orgia de concreto e gás néon  
ao redor de minhas sensações.  
Me dependuro nos luminosos,  
trepido com os bondes  
na avenida São João;  
meu sangue fásca nos trilhos,  
e o cérebro estala sobre os viadutos.

## O GATO ENORME E PRETO

Estou ouvindo o canto do vento nas folhas  
como quem não quer ouvir  
o canto do vento nas folhas.  
A diferença  
é este sono macio que desce sobre mim  
como uma flor.

Além disso  
dentro de minha alma há um gato enorme e preto  
a ronronar baixinho.

Agora o vento deixou de cantar  
e eu não sei se fiquei mais  
ou menos triste.  
Tenho apenas o vento em meu rosto  
e uma grande calma

além do gato preto  
em minha alma.  
Já que o vento não canta  
vou olhar as flores.  
Não sei se tenho vontade de olhar as flores  
mas vou olhar as flores  
e vou deitar-me ao sol,  
para aquecer o gato enorme e preto  
a ronronar baixinho  
dentro de minha alma.

Fecho os olhos  
não sei se para acalantar este sono macio  
ou para não pensar  
na saudade que o vento deixou  
ao parar de cantar.  
Fecho os olhos  
mas não durmo  
nem fico mais  
ou menos triste.  
Continuo a olhar as flores que meus olhos não vêem  
e a ouvir o canto que o vento não canta.  
O sol espalha um calor brando  
e um cheiro de flores  
    como um pássaro  
vem pousar em minha alma,  
onde ronrona baixinho um gato enorme e preto.

Por fim adormeço  
e agora sonho com as flores.  
Ouço o canto do vento

mas não sei se é isso o que quero  
ou não quero.  
(O que quero,  
se o soubesse ou quisesse,  
seria um  
e o que não quero são muitos.)  
Apesar de ser sonho,  
e sei que no sonho  
tudo deve ser mais simples,  
continuo a olhar as flores  
e a ouvir o vento.

(Por que minha vida  
há de ser sempre este querer sem querer,  
este não saber se quero ou não quero?)

Mas acordo e o vento está mais frio.  
O sol vai-se apagando  
ao longe.  
O gato enorme e preto se levanta  
e percorre minha alma  
como um calafrio.  
Agora estou olhando o gato enorme e preto  
e não sei o que fazer dele.  
Penso contar-lhe meu sonho  
e me arrependo.  
Tento sorrir-lhe e paro a meio.  
Quero ouvir de novo o ronron baixinho  
dentro de minha alma,  
com o sol a me aquecer o corpo  
sobre a relva.

Não sei se é isso o que quero agora  
porque o não tenho,  
mas sei que quando o tiver  
deixarei de querê-lo.  
E sei que o sol virá aquecer meu corpo.

Estarei deitado, ouvindo o vento,  
pouco mais ou pouco menos triste.  
O sol aquecerá meu corpo  
e fará o gato enorme e preto ronronar baixinho  
no fundo de minha alma.

### CIRÂNDOLA VERMELHA

Dia virá em que eu terei o sol.  
Meu rosto  
minhas mãos  
meus olhos  
dormirão tranqüilos.  
As ruas serão macias  
e o sol dançará na calçada.  
Meus olhos  
minhas mãos  
meu rosto:  
sonhos em mim do grande sol,  
cirândola vermelha.

Dia virá em que eu terei a lua  
e o sol.

Meu rosto de pedra descansará  
sob a nebulosa do Ártico.  
Não terei minha imagem refletida  
nem no espelho  
nem no mar  
nem no sol.  
Serei quatro:  
    meu rosto  
    minhas mãos  
    meus olhos  
sob a nebulosa do Ártico.  
A lua adorará  
o último deus de pedra.  
Serei quatro  
e o sol inútil dançará em minhas mãos.

## REGISTRO

O poema “Signo e aparição”, publicado isoladamente em 1961, volta a integrar a coletânea a que pertencia, *A tarde e o tempo*, de 1964. À exceção de *Subsolo*, 1989, reproduzido na íntegra, e acrescido de vários poemas, as demais coletâneas sofreram alguns cortes e reparos de ordem formal. A coletânea de abertura, *Lição de casa*, reúne poemas escritos entre 1990 e 1998.

## DO AUTOR

Poesia



Foto: Tércio Redondo

- A poliflauta*. São Paulo, Massao Ohno, 1960.  
*Signo e aparição*. São Paulo, Massao Ohno, 1961, plaquete.  
*A tarde e o tempo*. Florianópolis, Roteiro, 1964. Prêmio-estímulo Governador do Estado de São Paulo.  
*Carta de Marear*. São Paulo, ed. do A., 1966. Prêmio Governador do Estado de São Paulo.  
*Poemas reunidos*. São Paulo, Cultrix, 1974 (reúne os anteriores mais *Urna Diurna*). Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte.  
*Círculo imperfeito*. Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978. Prêmio Gregório de Mattos e Guerra.  
*Subsolo*. São Paulo, Massao Ohno, 1989. Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte.

### Participação em antologias

- Antologia dos novíssimos*. São Paulo, Massao Ohno 1961.  
*Antologia da novíssima poesia brasileira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.  
*Writing from the world*. Iowa City, Uofl Press, 1979.  
*Antologia da poesia brasileira contemporânea*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1985.  
*Poet & critic*. Ames, The Iowa State University Press, 1987.  
*Artes e ofícios da poesia*. Porto Alegre/São Paulo, Artes & Ofícios/ Secretaria Municipal da Cultura, 1991.  
*30 postais poéticos*. São Paulo, Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

- Sincretismo. Antologia poética da geração de 60.* Rio de Janeiro, Fundação Rioarte, 1995.
- Anthologie de la poésie brésilienne.* Paris, Éditions Chandeigne, 1997.

#### Literatura infanto-juvenil

- O livro da fortuna.* Novela. São Paulo, FTD, 1992.
- Pafúncio Futebol Clube.* Conto. São Paulo, FTD, 1993.
- A deusa da minha rua.* Novela. São Paulo, Saraiva, 1996.
- Poeta aprendiz.* Poesia. São Paulo, Lazuli/Bibla, 1997.

#### Crítica literária

- A multiplicação do real.* Ensaios. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1970.
- Poesia e realidade.* Ensaios. São Paulo, Cultrix/ Conselho Estadual de Cultura, 1977.
- A problemática social na poesia de José Gomes Ferreira.* São Paulo, Universidade de São Paulo, 1978.
- O poema e as máscaras. Microestrutura e macroestrutura na poesia de Fernando Pessoa.* Ensaio. Coimbra, Almedina, 1981.
- Poética da rebeldia. A trajetória militante de José Gomes Ferreira.* Ensaio. Lisboa, Moraes, 1983.
- Literatura para quê?* Ensaios. Florianópolis, Letras Contemporâneas, 1996.
- Mensagem de Fernando Pessoa. Roteiro de leitura.* São Paulo, Ática, 1996.
- Poesia não é difícil. Introdução à análise de texto poético.* Porto Alegre, Artes & Ofícios, 1996.
- Poemas de Álvaro de Campos/Fernando Pessoa. Roteiro de leitura.* São Paulo, Ática, 1998.

coleção  
**janela do caos**  
poesia brasileira

1. **D e s n o r t e**  
C á l a m o

2. **A Carne e o Tempo**  
Donizete Galvão

3. **Águas Desnecessárias**  
César Garcia Lima

4. **C i c l o n e s**  
Roberto Piva

5. **R i s c o**  
Eunice Arruda

6. **Lição de Casa**  
Carlos Felipe Moisés



ESTA OBRA FOI COMPOSTA EM CHELTENHAM E  
ITC KABEL MEDIUM, COM FOTOLITOS DA INPUT,  
IMPRESSA PELA GRÁFICA PALAS ATHENAS, SOBRE  
PAPEL POLEN RUSTIC 85G, EM OFF-SET, PARA A  
NANKIN EDITORIAL EM DEZEMBRO DE 1998.  
TIRAGEM: 1.000 EXEMPLARES

## AUTOBIOGRAFIA MÍNIMA

Carlos Felipe Moisés nasceu em São Paulo, SP, em 1942. Aos 15, foi ganhar a vida, primeiro numa imobiliária, depois na Livraria-Editora Francisco Alves, onde descobriu que escritores não são apenas nomes em capa de livro. Desde início dos 60, dedica-se à poesia e à crítica literária, a que se somaram, mais tarde, a tradução e a literatura infanto-juvenil. Formado em Letras pela USP, deu aulas de literatura, durante anos, em várias universidades, e sempre soube que ensinar é só um disfarce para aprender. Esteve algumas vezes na Europa e passou mais de uma temporada nos EUA, lecionando. Sua filha mais velha, Manuela, nasceu em Berkeley, em 1978; o mais novo, Luís Felipe, nascido em 1980, faleceu em 1998. Livros, publicou mais de uma dúzia e acha (aprendeu com José Paulo Paes) que o melhor é o próximo, o que ainda está escrevendo. Acha também que, mesmo em se tratando de autobiografia, a terceira pessoa deve sobrepor-se à primeira. Mora em São Paulo, com a mulher, Margarida Maria, e a filha.



Foto: Tércio Loureiro Redondo

ISBN 85-86372-10-2



9 788586 372100

## CONJUGAÇÃO

Eu me arquipélago  
tu te maravilhas  
ele se istma  
nós nos montanhamos  
vós vos espraiais  
eles se eclipsam

janela do

